



Mídia e terrorismo

A imprensa e a cobertura do 11 de Setembro

Alberto Dines, Arnaldo Dines, Beatriz Singer, Claudiné Gonçalves,
Deonísio da Silva, Leneide Duarte-Plon, Luís Edgar de Andrade, Luiz Weis,
Marinilda Carvalho, Muniz Sodré, Nelson Hoineff, Ulisses Capozzoli, Luiz Egypto (org.)

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ÍNDICE

CAPÍTULO 1

No calor da hora

Anotações de um observador atônito.....	4
Informação inteligível e os tambores de guerra.....	7
Sobre verdades e bobagens.....	13
A faca e o avião.....	16
E as vítimas? Ajudar ou reportar?.....	18
Sobriedade, exageros e males da primeira detenção.....	20
Só vendo para crer.....	23

CAPÍTULO 2

Guerra Fria, parte 2

A mídia como campo de batalha.....	28
White plates press.....	30
Fragilidades da cobertura online.....	33

CAPÍTULO 3

Os desdobramentos e a volta da “cascata”

Uma cobertura para não esquecer.....	39
De Schwarznegger ao Afeganistão.....	41
A primeira estrela da guerra.....	43
Guerra sem espetáculo parece cobertura política.....	46
Patriotismo e patrulhas na mídia americana.....	47

CAPÍTULO 4

Um certo pó branco

Antraz coloca a mídia na linha de frente.....	52
Trapalhadas da Casa Branca e o caso Abravanel.....	53
Al-Jazira não é modelo de objetividade.....	54
Informação em defesa da vida.....	55
Nada de novo na frente.....	57

CAPÍTULO 5

Afeganistão e a cobertura da guerra

TV árabe sofre pressões dos EUA.....	60
A mídia como braço do governo.....	61
Mídia na guerra da informação.....	63
M’hammed Krichene: “Queremos ser como vocês”.....	66
BBC tira “terrorismo” do vocabulário.....	69
O poder de sedução de Mr. Murdoch.....	71

Apresentação

Este é o tomo 1 do segundo volume da *Biblioteca do Observatório*, uma série de livros eletrônicos organizados a partir dos arquivos digitais do *Observatório da Imprensa*. O primeiro volume – ***A mídia e o jornalismo fiteiro***, lançado em 6/4/2004 – atingiu a marca de 7.338 downloads nos primeiros 30 dias de exposição e ainda está disponível gratuitamente para os leitores.

O conteúdo da presente edição de ***Mídia e terrorismo – A imprensa e a cobertura do 11 de Setembro*** foi concebido a partir de artigos publicados no *OI* entre a data dos ataques ao World Trade Center e ao Pentágono e o fim do ano de 2001. É um retrato comentado do que a mídia veiculou à época dos atentados. O tomo 2 deste volume tratará do mesmo assunto, mas reunirá textos que o *OI* publicou sobre terrorismo antes do 11 de Setembro e de janeiro de 2002 em diante – inclusive com os desdobramentos havidos após as invasões do Afeganistão e do Iraque.

Com edições regulares na internet desde abril de 1996, os arquivos do *OI* guardam milhares de artigos, muitos deles cuja leitura ainda é atual. Na *Biblioteca do Observatório*, esses textos aparecem reunidos por temas – revistos e editados em ordem cronológica. Os livros da *Biblioteca do Observatório* podem ser salvos em seu computador e em seguida impressos, se preferir tê-los em papel.

Esta edição tem 75 páginas. Nas páginas seguintes, os artigos são referidos pela data de sua publicação e sua URL original no sítio www.observatoriodaimprensa.com.br

Boa leitura.

Capítulo I

No calor da hora

Nada a comentar, tudo irrelevante, irrisório e redundante neste negro setembro mundial. No passado, saíamos à rua para comprar jornais e saber o que se passava. Agora, somos empurrados para casa juntando farrapos de informações que chegam pelos monitores, rádios, telefones. E imaginando uma segurança definitivamente implodida. Neste aconchego às avessas fomos convertidos em observadores – não apenas da imprensa e da mídia mas de um mundo de repente menor e virado de cabeça para baixo. A vida continua mas amanhã será tudo diferente.

Anotações de um observador atônito

Alberto Dines

19/9/2001 # <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/ter190920011.htm>

** A mídia não era o alvo. Era o objetivo. Precisava ser acionada e explorada ao máximo. Para magnificar. O terror funciona para aterrorizar e sem divulgação não há terror. Matar é secundário, o terrorista precisa intimidar. Pela irradiação do medo obtém efeito maior: mata a capacidade de reação da sociedade. Os dezoito minutos de diferença entre os choques nas duas torres do WTC indicam que os terroristas contavam com a agilidade da mídia americana para flagrar em toda a extensão o segundo abalroamento e os dois desabamentos. Foram recompensados.

A banalização não resulta da repetição, mas de uma vocação ou condicionamento para surtos, espasmos e intermitências. A descontinuidade – e não a reiteração competente – é que torna o nosso jornalismo tão trivial e descartável.

** A mídia americana foi posta à prova.

Saiu-se brilhantemente: reagiu com incrível velocidade, derrubou os constrangimentos empresariais relativos a custos e receitas, esqueceu o *show business*. Mostrou o que precisava ser mostrado. Cumpriu a sua missão. O fato de não transmitir imagens de gente esfacelando-se ou esfacelada no chão não significa que tenha adotado a autocensura. [No Brasil, os que reclamaram contra este respeito à sensibilidade e este senso de responsabilidade foram sobretudo aqueles que defenderam o embargo total na cobertura de um recente seqüestro.](#) Se o Prêmio Pulitzer deste ano puder ser concedido a uma instituição certamente quem o merece é o jornalismo americano.

** Inclusive pelo seu pronto e instintivo espírito crítico. Já na quinta-feira (13/9/2001), os grandes jornais americanos estavam comentando o desempenho da mídia, sobretudo a eletrônica. Sem tabus ou corporativismos.

** Barbara Olson, apresentadora da CNN (passageira do único avião que não acertou o alvo), conseguiu ligar pelo celular para o marido, Ted Olson, do Ministério Público Federal. Outros o fizeram no mesmo voo certamente para enfrentar os terroristas. Barbara encarna a bravura profissional do repórter, atento até o último segundo.

** O certo, porém, seria falar em *mídia nova-iorquina*, porque o modelo do jornalismo americano foi produzido e continua sendo alimentado na ilha de Manhattan. A CNN está em Atlanta, o *Washington Post* é baseado na capital, em Chicago sempre fez-se muito bom jornalismo; mas Nova York mistura o jornalismo de rua com o jornalismo de idéias, usina dos paradigmas formais, morais, técnicos, conteudísticos e humanos da imprensa americana e vigentes ao longo dos últimos 100 anos. Lá estão sediadas as duas melhores escolas de jornalismo do país e certamente do mundo; lá vivem correspondentes de todos os quadrantes, razão do seu cosmopolitismo. Na exígua ilha do rio Hudson, os jornalistas aprendem a exercitar o seu espírito público e missioneiro.

** Mas Nova York também é a matriz do jornalismo *yuppie*, central da mídia *fashion*, capital mundial das relações públicas e dos *lobbies*. Este “estilo Armani” – exterior, cosmético, superficial – e que tanto impregna a mídia brasileira foi soterrado na terça-feira, 11 de Setembro de 2001. [Não há leviandade e mundanidade que resista ao horror do que aconteceu naquele dia e ainda vai acontecer nas próximas semanas ou meses quando forem desenterrados os corpos, enterrados seus restos, encarada a extensão dos escombros e contadas todas as histórias.](#) A noção de ter escapado da carnificina vai mexer profundamente com a alma nova-iorquina por mais forte que seja a inclinação consumista – sua mídia não poderá deixar de refletir a dorida metamorfose.

** Jornalistas brasileiros começam a criticar a mídia americana porque estaria incentivando o furor vindicativo contra os mandantes do genocídio. Jornalistas brasileiros, em geral, não sabem fazer contas: são mais de cinco mil vítimas, no mínimo dez mil famílias chorando seus mortos e, considerando cinco pessoas por família, 50 mil pessoas diretamente atingidas pela tragédia. Sem contar amigos, parceiros, vizinhos, famílias afins e ex-cônjuges. É um universo de 100 mil pessoas numa cidade cuja imprensa costuma refletir diretamente aquilo que seus leitores sentem. Seria possível neste exato momento clamar por outra coisa que não a punição?

** [Grande parte da nossa mídia está esquecendo que este foi também o maior ataque terrorista contra cidadãos brasileiros. Os cerca de 20 patrícios que se encontram desaparecidos não foram vítimas de uma catástrofe natural. Foram massacrados num ato político, premeditado friamente para causar o maior número de vítimas.](#) Acostumada a chacinas confinadas em notícias curtas e perdidas, a mídia brasileira está tratando os conterrâneos desaparecidos com espantosa frieza. Não são nossos, preferiram os *states*, fazem parte do vilão americano. Tsk, tsk, tsk – pêsames, a culpa é do neoliberalismo e da globalização.

** Nas edições de domingo [16/9/2001] e de segunda já se percebem os contornos da incapacidade de perseverar que parece dominar nossas redações: os editores cansaram-se de tragédias. Com apenas 200

corpos resgatados dos cinco mil desaparecidos, já não querem saber do que se passou no World Trade Center de Nova York. Querem outra coisa, mais quente. A retaliação, o charme da guerra com seus fabulosos artefatos, os fascinantes lances que envolvem o terrorismo internacional atraem mais do que esta lenta tragédia condenada a estender-se ainda por tanto tempo. Jornalista brasileiro é mais novidadeiro do que os colegas de outros países? Ou foi educado para driblar o sofrimento com a panfletagem política?

** A banalização não resulta da repetição, mas de uma vocação ou condicionamento para surtos, espasmos e intermitências. A descontinuidade – e não a reiteração competente – é que torna o nosso jornalismo tão trivial e descartável.

** *Veja* dedicou 90% do seu espaço para a cobertura dos atentados. Parabéns. Terá estofo para repetir a dose na próxima semana? Três dos quatro jornalões nacionais colocaram a cobertura dos atentados e seus desdobramentos em cadernos especiais. Meritório. Quanto tempo agüentarão? Pouco: as editorias internacionais já começam a bater pino. Há muito tempo que estão espremidas em nesgas, subdimensionadas, sem apoio de correspondentes internacionais experimentados e com pessoal de retaguarda jovem, sem o devido treino. Há uma década importaram-se “consultores” de Miami e Navarra para desfigurar veículos tradicionalmente comprometidos com a cobertura internacional. O mundo sumiu dos nossos jornais e revistas justamente no auge da mundialização. [Agora, a ferro e fogo, o mundo irrompe em nossas vidas e só sabemos reagir mandando buscar os cientistas sociais da esquina mais próxima para ouvir os seus palpites.](#) Em lugar do jornalismo declaratório estamos desenvolvendo o jornalismo *achista*.

** Prova: nestes últimos dias um cientista político enviou aos principais veículos um *curriculum vitae* oferecendo-se para dar entrevistas e depoimentos. É o verbo pautar na forma reflexiva. Colou: um de nossos semanários sapecou a entrevista nas páginas de abertura.

** Vitimado pela pressão das entrevistas-relâmpagos, sem tempo para pensar e preparar-se, o economista Celso Furtado, professor emérito da Sorbonne, um dos ícones da esquerda moderada, acabou dizendo uma sucessão de tolices numa entrevista para a *Folha de S. Paulo* (sexta, 14/9/2001, Especial, pág. 18). Levou um homérico cacete de um dos colunistas do mesmo jornal (domingo, pág. A-10). Merecia dois: pela incapacidade de resguardar sua dignidade e pelo infantilismo do que disse.

** O mundo mudou bruscamente, não importa se é o século, milênio ou apenas uma nova era que começou. [Importa saber se a mídia – especialmente a nossa mídia – tem condições de acompanhar esta mudança. Está ela intelectualmente preparada para escapar do esquizofrênico pêndulo futilidade-indignação? O fundamentalismo caiu do céu num Boeing seqüestrado ou vem sendo gestado silenciosamente através do](#)

[jornalismo de chavões e de palavras de ordem?](#) A questão pode estar contida em duas perguntinhas muito mais simples: o fotógrafo Sebastião Salgado vai incluir Nova York no seu périplo sobre a miséria humana? Ou o sofrimento de americanos está barrado do rol das dores do mundo?

Informação inteligível e os tambores de guerra

Ulisses Capozzoli

[19/9/2001 # <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/ter190920012.htm>]

Ao contrário dos dias normais, que duram 24 horas, o 11 de Setembro não terminará por muito tempo. A montanha de papel e os incontáveis tonéis de tinta com que a imprensa mundial noticiou e analisou o atentado nos Estados Unidos – fora o tempo da televisão, do rádio e, claro, da internet – fazem com que o assunto seja indispensável em qualquer texto que tenha relação com a mídia nos últimos dias.

E mesmo que se quisesse evitar a referência, seria impossível. A mídia – a imprensa, como se generalizou – por muitas razões está no epicentro dos acontecimentos. Daí transfere para a história as ondas de choque que farão desabar, primeiro, a bolsa, em seguida, os valores, crenças, dogmas e referências. Será necessário um tempo mínimo para que tudo se reacomode, o que não significa dizer que o sismo terá terminado. Ao contrário, para muitos analistas, pode ser apenas o anúncio de que o *big one* está por vir.

O assunto é inesgotável, e a melhor prova disso é o fato de o 11 de Setembro não ter acabado no mesmo prazo dos outros dias. Mas algumas observações, particularmente, devem merecer a atenção de um espaço como este, dedicado ao jornalismo científico, especialidade do jornalismo que trata das relações entre ciência e sociedade.

O primeiro deles é a dependência dos jornais brasileiros dos grandes jornais da Europa ou dos Estados Unidos, cujo material reproduzem. Originalmente,

estes textos de alguma forma estão voltados para uma sociedade específica. Não que não possam ser lidos

Recomendar reflexão e atitudes sóbrias, neste momento, talvez seja pedir demais para muita gente. Entre elas, pessoas que tiveram perdas afetivas com os ataques que, como qualquer outro ato de violência, devem merecer o repúdio de todos quantos têm um mínimo do que, em outros tempos, se chamava de compaixão.

por outra. Mas não é a mesma coisa. Há necessidade de ligações, conexões, exemplificações, relações, enfim, contextualizações, que um texto traduzido quase sempre não tem.

Jornalismo e história

Claro que os textos vindos desses jornais foram selecionados previamente, de acordo com a linha de edição de cada uma das publicações brasileiras. Interessante uma comparação rápida entre as edições de sábado [15/9/2001] da *Folha de S. Paulo* e do *Estado de S. Paulo*. Neste dia, a manchete da *Folha* trouxe: “Bush tem aval para ataque e Taleban promete reagir”. O *Estado* veio com uma manchete que seria a de um jornal americano: “Os terroristas vão nos ouvir logo”. Enquanto a *Folha* manteve um equilíbrio e, ao mesmo tempo, uma tensão, referindo-se a dois interlocutores, o *Estado* simplesmente aderiu.

Os cadernos especiais do domingo refletiram a posição da véspera. Na *Folha*, de longe, Javier Valenzuela, do jornal espanhol *El País*, foi autor do melhor texto (Especial, pág. 11). Valenzuela fez jornalismo interpretativo da melhor qualidade ao contextualizar acontecimentos e conferir-lhes inteligibilidade. Isso tem relação não só com o jornalismo científico, mas com uma “cientificidade” possível do jornalismo – que é exatamente a interpretação, ou contextualização histórica dos acontecimentos.

Bin Laden, o homem apontado pelo governo americano como autor intelectual do atentado, mostrou Valenzuela, foi treinado pela CIA para combater os russos no Afeganistão, reeditando o que já ocorrera com Saddam Hussein, criação também dos Estados Unidos para controle do Irã. É o caso clássico do feiticeiro voltar-se contra o feiticeiro. Se a criação de personagens como bin Laden não for devidamente estabelecida, tanto o atentado como os eventuais pretextos – e, especialmente, as conseqüências – terão pouca inteligibilidade. Aqui é preciso deixar claro que tudo isso não justifica a brutalidade que se abateu sobre o que se chamaria de gente comum: pessoas envolvidas com as tarefas do dia-a-dia.

Ainda a *Folha* publicou um texto de Robert Fisk, do jornal inglês *The Independent*, na mesma linha. Valenzuela mostra como e em que ambiente se criou bin Laden. Fisk aponta, numa concisa incursão histórica, o que pode custar aos Estados Unidos, ou ao Ocidente (neste caso a Otan), uma eventual invasão do Afeganistão, país onde bin Laden estaria refugiado. Essa gente rude das montanhas, com fervor religioso estranho aos ocidentais, mostra Fisk, relatando parte de uma experiência pessoal, já derrotou ingleses, russos e não estaria disposta a ser subjugada por uma outra potência, mesmo sendo a mais poderosa do planeta. Ou, talvez, por isso mesmo. É jornalismo com suporte em ciência, neste caso a história. Ciência, aqui, no sentido de método e inteligibilidade. A subjetividade da interpretação vale para qualquer área do

conhecimento. Para Huygens, por exemplo, a luz era onda. Para Newton, partícula. E a luz, estranhamente, como se aceita hoje, tem natureza dupla, ou seja, é, ao mesmo tempo, onda e partícula.

Civilização solitária

O contraponto para o fervor religioso que incomoda o Ocidente não é novo e já havia surpreendido os espanhóis no México. Se tivessem se olhado no espelho da antropologia, no entanto, os espanhóis teriam visto que o fervor que eles próprios nutriam por ouro era ainda mais estranho aos maias.

A *Folha* publicou também um artigo interessante de Timothy Garton Ash, historiador de Oxford e Stanford, analisando três cenários possíveis para o futuro próximo sob impacto do atentado em Nova York. Suas previsões não são exatamente animadoras.

Jonathan Steel, do jornal inglês *The Guardian*, teve reproduzido pelo *Estado* um texto sobre a resistência do Afeganistão, mas sem o vigor do escrito de Fisk. Fora isso, o mérito do *Estado* foi um texto de Paul Kennedy, originalmente publicado pela *Global Viewpoint*. A certa altura, Kennedy, historiador de Yale e autor de *Ascensão e queda das grandes potências*, além de *Preparando o século 21*, diz, em relação à Segunda Guerra Mundial, que “derrotar o Japão foi como acertar um tiro num elefante. Derrotar esses terroristas vai ser como pisar em águas-vivas”.

Essa, certamente, é uma reflexão que a imprensa de todo o mundo, incluindo a brasileira, deveria estar fazendo neste momento, em vez de apenas tomar partido incondicional como fez o *Estado*, no sábado, dia 15. A “retaliação” vai ser complexa, vai produzir tantas vítimas inocentes, ou mais, do que ocorreu em Nova York e só vai alimentar mais ódio – e, assim, mais violência. Vai fortalecer, em todo o mundo, um complexo industrial-militar que deixa ainda menos espaço para a esperança de que o conhecimento, particularmente da ciência, seja empregado em benefício da humanidade.

Por trás deste cenário há um problema de natureza cosmológica, ainda que isso possa soar estranho para muitos. O problema, aqui, subentende a alienação da presença humana no Universo envolvendo justamente a maior potência espacial do planeta. Mais de 300 anos depois do início da ciência moderna, essa que dá poder aos Estados Unidos, ainda não se descobriu nenhuma evidência de uma outra civilização entre as estrelas. Por enquanto somos os únicos e, nesta condição, nos maltratamos em guerras, atentados, opressão e miséria como não ocorre com nenhuma outra criatura da natureza.

Poder, riqueza e ciência

Quando morreu, no final da década passada, Carl Sagan, astrônomo e divulgador americano, lamentava a impotência da ciência em dar à sociedade humana uma localização cósmica, mais precisamente uma cosmologia humana, uma localização de nossa civilização entre os 200 bilhões de estrelas da Galáxia. Se estivesse vivo, teria razões adicionais para lamentar nossa sorte como Homo Sapiens, não como nacionalidades à parte.

O *Jornal do Brasil*, numa boa entrevista que Gabriela Máximo fez com o lingüista e pensador americano Noam Chomsky, mostrou que, se a situação está difícil, existem inteligências sensíveis a uma interpretação sóbria, responsável e com perspectiva de futuro – seja lá o que isso signifique hoje. Chomsky, com seu estilo irreverente, contestador e humanista, poderia até ter saído na *Folha*, mas, especialmente nestes tempos, é daqueles que não têm espaço no *Estado*. Lamentável. Assim, os leitores do jornal ficam privados de reflexões lúcidas e, por isso mesmo, estratégicas. Chomsky é o que em outros tempos seria uma pomba em meio a falcões. Mas apenas uma frase do que falou dá o peso de sua análise e da inutilidade de se rufar os tambores de guerra: “Terroristas suicidas são incontroláveis”.

Recomendar reflexão e atitudes sóbrias, neste momento, talvez seja pedir demais para muita gente. Entre elas, pessoas que tiveram perdas afetivas com os ataques que, como qualquer outro ato de violência, devem merecer o repúdio de todos quantos têm um mínimo do que, em outros tempos, se chamava de compaixão. Uma imprensa responsável tem a obrigação não só de informar corretamente, mas de convocar intelectuais das mais variadas áreas do conhecimento para uma reflexão sobre as possíveis saídas, analisando o passado e tirando deles as lições.

É Paul Kennedy, no *Estado*, quem dá a referência entre poder militar, concentração de riqueza e produção de ciência, como parte de uma explicação para se compreender os acontecimentos. Os Estados Unidos, diz, participam com 40% do uso de internet em todo o mundo, no ano passado arcaram com 36% dos gastos militares do planeta e, entre 1975 e o ano passado, tiveram 70% dos laureados com o Prêmio Nobel.

Pode-se acrescentar que os Estados Unidos têm menos de 5% da população do mundo, ao mesmo tempo em que consomem metade da energia do planeta. E, nesta condição, se recusam a aderir a acordos internacionais como o Protocolo de Kyoto, para controle das emissões de gás carbônico, principal responsável pelo efeito-estufa.

A vida em risco

Muitos outros argumentos, como um descompasso entre o aumento da riqueza, especialmente nos Estados Unidos, nos últimos anos, e um crescimento da pobreza em todo o seu entorno, poderiam ser invocados para os ataques. Nenhum deles, é bom enfatizar, capaz de justificá-los. Mas o caso não é de justificativa, e sim de compreensão dos acontecimentos.

Se a concentração de poder, tanto militar quanto econômico (o que significa dizer político), nos Estados Unidos deu-se a partir de uma base científico-tecnológica, o que a imprensa conservadora deveria estar fazendo agora, em vez de bater os tambores de guerra, é buscar uma explicação e oferecê-la à apreciação de seus leitores.

Um recuo nos últimos 300 anos mostra que a Revolução Científica e a Revolução Industrial foram dois movimentos simultâneos e inseparáveis de uma transformação que está na base do poder dos Estados Unidos e de todas as outras nações desenvolvidas, o grupo definido como Primeiro Mundo. Como se o mundo, a Terra, não fosse um planeta só orbitando um pequeno sol dos 200 bilhões de outras estrelas da Via Láctea, que é apenas uma dos bilhões de galáxias que dançam no Universo ao ritmo da gravidade. Essa é a grande alienação cosmológica. As razões ditas objetivas, invocadas pelo raciocínio sumário, são meramente circunstanciais e efêmeras. A vida é o que importa, e é justamente a vida que está em risco por causa de um punhado de dólares a mais.

Justificativa em vez de análise

John Bernal, historiador e filósofo da ciência, é um dos muitos a identificar o financiamento da Revolução Industrial com a prata, o ouro e os diamantes, entre outras riquezas (a batata que alimentou os primeiros operários, por exemplo) retirados da América por Espanha e Portugal. O que os espanhóis fizeram no México e Peru, atrás destas riquezas, não é nada tranquilizador para as consciências. E os portugueses, com o tráfico escravo, não ficaram atrás. O que se deve considerar é que houve violência durante todo esse tempo. Mas do centro, crescentemente hegemônico, para a periferia. No momento em que a hegemonia é completa, como hoje, sem possibilidade de acordos razoáveis, mesmo em relação a drásticas mudanças climáticas, o que se pode esperar de interlocutores com muito pouco a perder senão terrorismo, especialmente o terrorismo suicida? Em outros tempos, a mulher de um arcebispo inglês que desqualificava Darwin, num debate memorável, disse entre os dentes: "Ora essa, descender de macacos! Mas se for verdade, oremos para que ninguém saiba disso". Darwin nunca disse que os homens descendem de macacos, mas parte da imprensa se comporta hoje como a mulher do arcebispo.

Sob o apropriado título de “Marcha insensata”, a *Folha*, no domingo, chama a atenção para os riscos crescentes de xenofobia, algo que para historiadores portugueses não seria novidade a uma certa altura do processo de “globalização”, que começou precisamente em Portugal, no século 15, com as Viagens de Descobrimento. Denuncia políticos e jornalistas, nos Estados Unidos e fora dele, defendendo uma “relativização” dos direitos civis, sob argumentos aparentemente razoáveis, além do discurso sumário de Bush, reeditando Reagan na briga do “Bem contra o Mal”.

O *Estado*, com seus editoriais na página 2, em vez de análises traz justificativas para o que Bush já anunciou como “retaliação” – embora, como já aconteceu antes, não se saiba exatamente a quem retaliar. Que crianças, jovens, adultos e velhos, nos Estados Unidos, tenham sido vítimas de uma violência enorme é profundamente lamentável. Mas é lamentável que crianças, jovens, adultos e velhos em qualquer parte do mundo sofram qualquer tipo de violência, como será um bombardeio indiscriminado do Afeganistão. Aqui a ciência está presente sob a forma de história, antropologia, sociologia, além de ética e estética, na alçada da filosofia e da moral. Que atos de ofensa uma criança afegã teria cometido para receber um castigo tão grande sobre sua cabeça, além de ter nascido no Afeganistão? Mais que nunca é preciso um mínimo de racionalidade para não se compensar, por irracionalidade e truculência, qualidades que o principal jornal americano, o *New York Times*, não enxergou em Bush no dia da tragédia.

Verdades a recuperar

Como resultado de um impacto tecnológico recente, a mídia, especialmente impressa, passa por uma crise de qualidade, refletindo dificuldades de identidade. A complexidade dos problemas neste pequeno mundo orbitando um dos braços alados da Galáxia já não é pouca. O terrorismo só veio aumentar essas dificuldades, o que, para muitos pensadores, era apenas uma questão de tempo. De qualquer forma, este tempo chegou e, ainda que parcialmente previsto, trouxe o desconcerto, a desolação e a estupefação que, inevitavelmente, acompanham a morte. Por tudo isso, e se quiser continuar desempenhando o papel que teve desde que Gutenberg sistematizou os tipos móveis e assim ajudou a demolir a Idade Média, a imprensa deve mudar. Aos menos os segmentos mais atrasados, do ponto de vista da capacidade de interpretar contemporaneamente os acontecimentos.

Mais que nunca, como sugerem intelectuais do porte de Chomsky, é preciso analisar os fatos buscando o novo, e não justificativas para a memória. Mesmo que o novo soe como um paradoxo, para repetir as palavras dele: “A Europa passou por guerras sangrentas, mas foram internas. O Sul – que hoje chamamos de Terceiro Mundo, as ex-colônias – nunca atacou a Europa, mas foi atacado por ela por centenas de anos. Esta é,

portanto, a primeira vez que a história toma uma outra direção: as grandes potências guerreiras são vítimas, e não os perpetradores. É uma mudança gigantesca”.

Quanto à xenofobia que corre o risco de alastrar-se, especialmente entre árabes, é preciso dizer que a base de reconstrução do mundo, com apoio na racionalidade, deu-se pela recuperação do conhecimento clássico grego, cultuado pelos árabes, enquanto o Ocidente cristão mergulhou na barbárie e no obscurantismo teológico que prevaleceram durante toda a Idade Média. E, para recuperar este tesouro cuidado e ampliado pelos árabes, foi fundamental o trabalho de tradutores judeus. A imagem recente de árabes como brutos e primitivos foi legada ao Ocidente pelas Cruzadas. Mas as estrelas, inúmeras com nomes árabes, como Altair e Aldebarã, as mais brilhantes das constelações da Águia e do Touro, mostram que a história não se deu como está sendo contada. Recuperar a verdade e a capacidade de pensar é o primeiro passo para se resolver uma questão. Mesmo que, às vezes, ela pareça insolúvel.

Sobre verdades e bobagens

Nelson Hoineff

[19/9/2001 # <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/ter190920013.htm>]

É um fenômeno intrigante a linguagem do alerta que de repente se criou na internet. Alerta em relação a qualquer tipo de coisa: um novo vírus, uma nova corrente, a possibilidade de ficar milionário da noite para o dia.

São alertas geralmente improváveis e quase sempre mentirosos. “A Microsoft está testando um novo programa e vai distribuir milhões de dólares para você simplesmente navegar com o seu browser”.

Normalmente eles têm duas coisas em comum: uma retórica fria, meio automatizada, alguma coisa entre os

Meninos de Deus e o garoto do

Inteligência Artificial; e a garantia do autor

de que ele não tem nada a ver com isso:

“Eu também não acreditava, mas a

senhora Carolyn encontrou na sua caixa

de correio um cheque de 200 mil dólares

emitido pela Microsoft”.

Na terça-feira, 11 de Setembro, parte do planeta ruiu. Mas pelo menos a BBC e a CNN fizeram exatamente o que tinham que fazer. A televisão também tem bons exemplos para dar.

Na sexta-feira [14/9/2001], começou a circular pela internet um alerta fantástico. Vinha quase sempre com o título “A farsa da CNN”. A autoria era atribuída ao “CMI-Israel, onde um brasileiro que estuda na Unicamp o publicou originalmente”. Quem enviava a mensagem evidentemente se eximia de qualquer responsabilidade. “Repasso com todas as reservas, pois não sei se é verdade ou não”. Mas o seu teor era eloqüente. Reproduzo alguns trechos, com os erros ortográficos originais.

Imagens utilizadas pela CNN de palestinos comemorando os ataques é uma FARSA! CNN utiliza filmagem de 1991 de palestinos comemorando nas ruas para manipular voce. Em todo o mundo nos estamos sujeitos a 3 ou 4 grandes distribuidores de noticias, e um deles – como todos nos sabemos – é a CNN. Muito bem, eu acho que todos voces devem ter visto (como eu tambem vi) imagens desta companhia. Em particular, uma certa imagem chamou a minha atencao: os Palestinos comemorando o bombardeo, nas ruas, comendo bolo e fazendo caras engracas para as cameras.

Bem, ESTAS IMAGENS FORAM FEITAS EM 1991!!! Estas sao imagaens dos Palestinos comemorando a invasao do Kuwait! Eh simplesmente inaceitavel que uma super poderosa forma de comunicacao como a CNN use imagens que nao correspondem com a realidade relatada sobre as situacoes serias que estao acontecendo.

O meu professor, aqui no Brasil, tem fitas de video com gravacoes de 1991, com as mesmas imagens; ele esta mandando emails para a CNN, Globo (a maior rede de TV do Brasil) e jornais, denunciando o que eu mesmo classifico como um crime contra a opiniao publica. Se alguem de voces tem acesso a este tipo de arquivo, procure por isso. Enquanto isso, eu vou tentar “colocar as minhas maos” em uma copia desta fita.

O autor, é claro, não colocou as mãos em coisa alguma – e o seu professor, se é que existe, faria melhor em levar as fitas para a NBC. Mas toda essa bobagem, em meio à situação pela qual o mundo está passando, remete a duas constatações: a internet é um instrumento igualmente democrático para divulgar verdades ou proliferar asneiras; e a competência da televisão para produzir um jornalismo de altíssima credibilidade é, no momento, difícil de ser superada.

Isto se deve em grande parte, é claro, à eloqüência das imagens. Ações semelhantes haviam sido previstas por vários autores – o ensaio “New York delire”, de Paul Virilio, escrito em 1993, é impressionante –, mas o repertório imagético que o cinema já havia emprestado ao seu público era pela primeira vez confrontado com uma situação real na mesma escala da catástrofe. Uma seqüência de *Independence Day*, outra de *O Pacificador*, uma pitadinha de *True Lies*, mais uma de *Nova York Sitiada*. Estava tudo ali. Agora, as imagens da ficção é que procuravam se esconder do repertório incorporado pela realidade. O lançamento de *Collateral Damage* foi cancelado; a estréia *O Homem Aranha* saiu rapidinho de cena; e até o cartaz do Festival de Cinema de Viena – que mostrava um avião varando um corpo sólido – teve que ser recolhido às pressas e

substituído por outro mais neutro. O avião possivelmente não queria dizer coisa alguma. Mas agora era a imagem contextualizada que importava. Por um momento, até, ela importa mais do que o texto, mais do que as digressões que se podem fazer sobre os fatos.

Descobrimos que o repertório de imagens de horror que nos são familiares podem fazer parte do mundo real. E quem produz as imagens em movimento do mundo real é o jornalismo de televisão.

Bons exemplos

Momentos de crise revelam verdades sobre o comportamento humano. Uma verdade é que na hora do *hard news* corremos todos para a TV. Com clareza cristalina, os diferentes meios buscam e ocupam os seus espaços. É cada vez menor a possibilidade de confundi-los.

A ocupação inconteste do espaço implica também o detalhamento do foco sobre ele. De maneira crescente, sabemos exatamente o que esperar das televisões, dos jornais, da internet. Um não invade o outro. Mas, sobretudo, um não substitui o outro.

A produção de jornalismo de qualidade pressupõe o reconhecimento desse fato, acompanhado do pleno entendimento das possibilidades do veículo. Há televisão boa e ruim, como há jornal bom e ruim ou sites bons e ruins. Existem sites ou jornais que simplesmente acertam; fazem o que deles se esperava no momento adequado. Tomam posições, por exemplo, ou tomam a posição de não tomar posição alguma.

Da mesma forma, há emissoras de TV que cumprem ou deixam de cumprir o que teriam que fazer num certo instante. Em momentos de crise internacional, essa posição se acentua. E muito especialmente desde a criação do conceito de redes de notícias de abrangência mundial, o que para o espectador brasileiro tem apenas dez anos.

Os dois grandes canais de notícias que são hoje distribuídos no Brasil – CNN International e BBC World – materializaram, na crise, o tipo de competência que é inerente ao telejornalismo. Chamados, entregaram o que lhes foi solicitado. É difícil imaginar outra fonte primária de informação sobre os acontecimentos em curso que seja mais eficiente – e também mais confiável.

Poderia ter sido de outra maneira. As poucas redes internacionais que têm a capacidade técnica e financeira para estar no centro dos acontecimentos teriam a chance de se perder em desvarios; de ingressar no tenebroso mundo do *achismo* que muitos grandes jornais brasileiros percorreriam se tivessem esse poder (imaginar essa hipótese é como pensar em tanto dinheiro e informação nas mãos do Talibã).

Mas na crise as redes que detém todo esse poder o utilizaram para a cobertura otimizada, permanente, responsável – e, tanto quanto possível, isenta. Nenhuma delas usou as fitas com as quais o suposto mestre da Unicamp sonhou. E é por isso que no desdobramento da crise o mundo continua atento às redes internacionais de TV muito mais que a qualquer outra mídia.

Na terça-feira, 11 de Setembro, parte do planeta ruiu. Mas pelo menos a BBC e a CNN fizeram exatamente o que tinham que fazer. A televisão também tem bons exemplos para dar.

A faca e o avião

Deonísio da Silva

[19/9/2001 # <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/ter190920014.htm>]

A faca, apenas uma faca. Os terroristas não precisaram mais do que facas para apoderar-se de sofisticados aviões, que estão entre os maiores símbolos da alta tecnologia de nossa época. E no dia 11 deste setembro fizeram com que o mundo inteiro voltasse seus olhos assustados para os EUA, onde eles pareciam ter deflagrado o fim do mundo.

Nossa imprensa, que tanto citou o prefeito de Chuí (RS) entre os suspeitos de terem ligações com os terríveis atentados ocorridos em Nova York e em Washington, não pode ignorar dois outros brasileiros que, por diferentes motivos, socorrem nossa memória e estão entre os temas de domínio conexo nas tarefas de interpretação do que houve.

“Desde crianças pensamos que se o Pentágono fosse um dia ameaçado, um escudo se ergueria sobre o prédio e mísseis vindos de mil pontos abateriam os invasores bem antes de atingirem qualquer alvo.” As crianças foram e estavam enganadas. No alvorecer do terceiro milênio, as ilusões perdidas são outras.

Um deles é Alberto Santos Dumont, inventor do avião, cuja foto numa antiga nota de dez merrecas, em que aparece com um chapéu de abas caídas, tornava-o ainda mais depressivo do que fora em vida. O outro é Rubem Fonseca, a Greta Garbo da literatura brasileira, que não acabou no Irajá, não senhores. Ao contrário, continua encastelado no Leblon, de onde dispara, ano após ano, sem parar, romances e contos que estão entre os mais sagazes espelhos do mundo em que vivemos, especialmente da sociedade cruel e violenta que aqui foi montada e gera há séculos exclusões abominadas por todo o mundo civilizado.

Santos Dumont suicidou-se sozinho, desolado ao ver seu invento utilizado nos bombardeios das lutas fratricidas dos anos de 1930. O avião era ainda um mocinho, vivendo entre as conquistas e as desarrumações próprias a quem tinha pouco mais de vinte anos.

Rubem Fonseca, autor do livro que ficou mais tempo proibido nos anos pós-64 – *Feliz Ano Novo*, vetado no governo Geisel, só veio a ser liberado em 1989, no governo de José Sarney – estava ainda censurado quando escreveu *A Grande Arte*, cuja abertura fechará este artigo, prometo, como oásis que ofereço aos leitores do *Observatório da Imprensa*, com a intenção de refrescar nossa leitura.

Arma terrível

Afinal, todos estamos ainda à espera de que o maior romance policial do mundo em todos os tempos tenha um detetive à altura de suas complexas tramas e não a rude hermenêutica que lhe deu George Bush. Quem está por detrás do ataque ao Pentágono – agora, virou o quê? um quadrilátero? – e das torres gêmeas do World Trade Center? Os EUA escolhem muito depressa os inimigos. Altas autoridades americanas que não tinham ainda lido o romance, assessoradas por quem não soubera de nada, apareciam na televisão dizendo que o nome do principal suspeito só podia ser Osama bin Laden. Elementar, meu caro Watson – diria Sherlock Holmes. Mas nem sempre o óbvio é a melhor saída. No romance policial, raramente é.

No dia dos graves eventos, conversei com um grupo de estudantes do Largo São Francisco, em São Paulo. “Desde crianças pensamos que se o Pentágono fosse um dia ameaçado, uma espécie de escudo se ergueria sobre o prédio e mísseis vindos de mil pontos abateriam os invasores bem antes de atingirem qualquer alvo”. Pois é. As crianças foram e estavam enganadas. No alvorecer do terceiro milênio, as ilusões perdidas são outras.

Volto a um de meus autores preferidos, a quem dediquei duas teses e três livros, para encerrar este artigo:

Não era uma ferramenta como as outras. Era feita de material de qualidade superior e o aprendizado do seu ofício muito mais longo e difícil. Para não falar do uso que dela fazia seu portador. Ele conhecia todas as técnicas do utensílio, era capaz de executar as manobras mais difíceis – *a in-quartata, a passata sotto* – com inigualável habilidade, mas usava-o para escrever a letra P, apenas isso, escrever a letra P no rosto de algumas mulheres. (...) O fato de as mulheres serem prostitutas não tinha qualquer influência em sua resolução. Apenas não queria correr riscos, por isso escolhia indivíduos que a sociedade considerava descartáveis.

Albert Einstein disse que não sabia quais seriam as armas da terceira guerra mundial, mas as da que lhe seguisse seriam o arco e a flecha. Quem diria, a última arma talvez seja a primeira, a faca, pedra polida para

matar, não mais, um a um, mas aos milhares, pois foi inventado um modo de dar ainda mais poder à faca. Com ela pode-se dominar um avião e fazer dele uma arma ainda mais terrível.

E as vítimas? Ajudar ou reportar?

Arnaldo Dines

[19/9/2001 # <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/ter190920015.htm>]

Tanto para a população angustiada dos Estados Unidos como para a audiência curiosa do resto do mundo, o comportamento da mídia americana na cobertura da tragédia do World Trade Center aproximou-se do exemplar. Dedicção, informação e responsabilidade foram algumas das palavras mais mencionadas pelos críticos em suas avaliações das redes de televisão, jornais e websites.

O problema é que em um evento desta magnitude, informar o resto do país e do mundo precedeu a obrigação de informar aos que foram mais diretamente afetados – no caso, as vítimas e seus familiares – , assim como os moradores da região. Protagonistas involuntários, como todos cujas vidas são marcadas pelas garras afiadas do terrorismo, esse grupo foi

Foi somente no terceiro dia após a tragédia que apareceram os primeiros indícios de coordenação entre os órgãos municipais de Nova York e as estações de TV. Mas, mesmo assim, nem sempre as informações eram coerentes ou completas.

exposto ao mundo pelos olhos indiscretos da televisão. Mas faltou aos que controlam o fluxo de notícias a sensibilidade de ajudar, paralelamente ao dever de reportar.

As imagens de nova-iorquinos de todas as raças e classes sociais, tentando furtar alguns segundos de exposição frente às câmeras de televisão para divulgar fotos de seus maridos, esposas ou filhos desaparecidos foram algumas das imagens mais tocantes e amplamente utilizadas. Cientes do poder de penetração da televisão, os familiares sabiam ser esta a melhor opção para obter qualquer tipo de informação sobre seus entes queridos. Mas faltou aos editores dos noticiários, especialmente os responsáveis pela cobertura local de Nova York, a motivação para abandonar o dramático da situação e partir para o prático, seja na forma de um sistema de auxílio para a localização ou, ao menos, para a obtenção de informações sobre o paradeiro dos desaparecidos. Seria tecnicamente muito fácil, por exemplo, passar nomes e informações de contato na parte de baixo do monitor de TV, sem afetar o resto da cobertura.

Na ausência de uma ajuda televisiva, os familiares das vítimas acabaram por apelar para uma prática bem menos tecnológica, e por isso mesmo muito mais comovente: o jornalismo de poste, tão utilizado no século 19. Com a volta do sol no primeiro fim de semana após o trauma, milhares de postes e pontos de ônibus amanheceram cobertos por pequenos cartazes com fotos dos desaparecidos e informações de contato. Era como se a cidade tivesse acordado após uma nevada de Inverno. Mas em vez do branco da neve, o nova-iorquino encontrou uma lembrança da dor contagiante de seus vizinhos – mais do que suficiente para destruir qualquer pretensão de uma rápida volta à normalidade.

Paralelamente ao drama das vítimas diretas, faltou às redes de televisão uma conscientização da necessidade de manter a população vizinha ao World Trade Center informada das medidas tomadas pelas autoridades. O problema começou já na queda dos edifícios, quando os canais 7 (ABC), 9 (WWOR) e 11 (WPIX) perderam o sinal, justamente por terem seus transmissores no topo das torres. Os canais 2 (CBS), 4 (NBC) e 5 (Fox) permaneceram no ar, pois seus transmissores estão no topo do Empire State Building ou no estado de Nova Jersey, vizinho de Nova York.

Detergente sanitário

Para os moradores das áreas conhecidas como Battery Park, Tribeca, Soho, Village e Lower East Side – todas próximas do World Trade Center – a situação ficou ainda pior, pois uma boa parte não tem televisão por cabo, especialmente os residentes mais pobres e idosos das chamadas *brownstones*, pequenos prédios construídos ainda no século 19. Cobia, portanto, aos canais locais ainda em funcionamento a obrigação básica de manter essa população informada, seja do perigo de mais desabamentos ou a respeito de possíveis medidas de evacuação – que acabou por ser implementada no Battery Park, a área adjacente ao World Trade Center.

Mesmo com a volta ao ar de alguns canais no dia seguinte, a situação não melhorou. Pelo contrário: devido à óbvia exaustão que tomou conta dos departamentos de jornalismo das redes nacionais, equipes das estações locais dessas redes foram transferidas para a cobertura nacional. O resultado foi uma rápida diluição dos interesses práticos e imediatos da comunidade local em prol do drama humano que tanto chocava e obcecava as comunidades nacionais e internacionais.

Foi somente no terceiro dia após a tragédia que apareceram os primeiros indícios de coordenação entre os órgãos municipais e as estações de televisão. Mas, mesmo assim, nem sempre as informações eram coerentes ou completas. Por exemplo: apesar do anúncio do bloqueio da área do cone sul da ilha de Manhattan, delimitada ao norte pela Rua 14, ninguém se deu ao trabalho de informar a essa população

prisioneira se haveria entrega de alimentos nos supermercados, cujas prateleiras se esvaziaram rapidamente. Ou se a determinação do prefeito Rudolph Giuliani para o fechamento de todos os estabelecimentos comerciais incluía também farmácias e os pequenos mercados (conhecidos como *delis*), que fazem parte essencial da vida diária de qualquer nova-iorquino.

Ausentes deste debate ficaram os jornais *The New York Times*, *Daily News* e *New York Post*, que apesar de impressos só voltaram a circular plenamente na cidade dois dias depois do evento. Mas nesta instância a culpa recaiu sobre a distribuição irregular causada pelas regras de tráfego em vigor nas diferentes regiões. A área abaixo da Rua 14 foi novamente a mais prejudicada e só voltou a receber uma quantidade limitada dos jornais no sábado. Como ressalva, a edição nacional do *The New York Times* circulou sem problemas, pois é transmitida por rede de dados e impressa em outros estados.

As circunstâncias mais especiais foram as do *Wall Street Journal*, cujos jornalistas se viram obrigados a abandonar a redação localizada em frente do World Trade Center e procurar abrigo provisório em Nova Jersey. Apesar disto, o jornal conseguiu sair no dia seguinte, com distribuição normal no resto do país mas irregular na cidade.

No tocante à cobertura nacional, a internet andou a passo de tartaruga contra os pulos de lebre das redes de televisão. Era o confronto da conectividade com a velocidade. Mas mesmo assim a vencedora ainda foi a AOL, em função das redes de televisão incorporadas com a compra da Time Warner. A CNN deu um banho nas competidoras MSNBC e Fox News, graças à sua infra-estrutura (inclusive internacional) e à sensatez do seu time de correspondentes, liderados por Aaron Brown, em Nova York. O mesmo não pode ser dito da *Headline News*, a irmãzinha menor da CNN, que funciona em uma rotação de programas de meia hora. Enquanto todas as redes entraram em programação especial sem interrupções, a *Headline News* se destacou por manter o formato praticamente intacto, inclusive com paradas comerciais. Nada como ver um anúncio de detergente sanitário em meio a um dos momentos mais trágicos na história da nação.

Sobriedade, exageros e males da primeira denteição

Marinilda Carvalho

[19/7/2001 # <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/ter1909200191.htm>]

Sem acesso à área chamada *ground zero*, a não ser nas visitas diárias em forma de *pool* guiadas por funcionários de segurança, a CNN até que vinha se comportando bem na cobertura dos ataques. De repente, lá pela quarta-feira, desandou a cobrar do governo uma retaliação imediata. A principal porta-voz desta visão

foi a apresentadora Judy Woodroof, da sucursal de Washington. Falava nas “perturbadas” almas dos mortos – “que encontrem a paz entre os braços de Deus”, uma manifestação no mínimo esdrúxula para um profissional de imprensa – e engatava de imediato no ódio aos terroristas, exigindo resposta militar urgente do governo.

Deus e sua fúria vingadora. A cada entrevistado Judy perguntava se Washington não estaria demorando demais a reagir. Foi contida por vários deles, mais sensatos pelo menos diante das câmeras. Em dois dias, outros apresentadores da emissora já repetiam

O dólar caía em todo o mundo, mas subia no Brasil, e nenhum repórter perguntou aos analistas econômicos o porquê.

as mesmas cobranças e, diante da escassez de imagens cada vez mais constrangedora, passaram a apelar flagrantemente à pieguice.

Conclusão: a CNN de democrata não tem nada. Nem de laica. Nem de neutra. Esta parada a BBC ganhou. Noticiou com isenção, mostrou mais imagens, deu mais informes. Fez menos política. E não só porque é britânica, portanto mais distante: nas grandes coberturas, como na invasão da Iugoslávia pelas tropas da Otan, a BBC é sempre melhor.

Outros pontos dignos de registro:

** Repórteres da mídia local, especialmente dos tablóides nova-iorquinos, foram presos por se infiltrarem no *ground zero* para obter imagens exclusivas.

** “Sejam mais cuidadosos com a informação”, pediu o prefeito (republicano) Rudy Giuliani. “Verifiquem a informação antes de divulgar.” Ele se referiu especificamente a dois episódios: a mídia havia informado que um grupo de sobreviventes fora contatado sob os escombros, uma inverdade. E também que os cinco bombeiros resgatados na quinta-feira estavam entre os soterrados do desmoronamento original – uma mentira: o grupo ficara preso nos destroços que caíram nos dias subseqüentes. “Não é ético provocar otimismo injustificado”, ensinou o prefeito.

** Ao que se saiba, a CNN não comentou a denúncia, espriada pelo menos no Brasil numa avalanche de e-mails, de que manipulou as imagens de palestinos festejando os ataques. Denúncias, diga-se de passagem, suspeitas: ora diz-se que era uma celebração palestina de outubro de 2000, ora que era uma festa paquistanesa de anos atrás.

** O *Jornal da Globo* manteve o padrão *Jornal Nacional*: tragédia-entretenimento, sensacionalismo, pieguice. E a correspondente em Nova York ficou abaixo da crítica: ignorando que a CNN é vista no Brasil, repetia as notícias da TV a cabo americana como se fossem novidades novíssimas.

** Ficará para sempre na memória do observador de mídia a expressão da apresentadora Ana Paula Padrão ao declarar oficialmente George W. Bush “um estadista”. Se ainda fosse o Giuliani...

Globo News

O importante papel desempenhado pela Globo News, nosso canal pago de notícias 24 horas, é inegável. Toda a programação foi derrubada em função da cobertura da catástrofe nova-iorquina, grandes esforços foram despendidos na busca de testemunhos de brasileiros, comuns e famosos. É frustrante, entretanto, ver que a equipe de jornalistas da emissora ainda mostre, em coberturas complexas, mais deficiência que eficiência. Talvez pela juventude, não contextualiza os fatos e não agrega informação complementar.

** Todas as TVs mostraram palestinos festejando o desastre. Mas só a Globo News não explicou que a celebração se dava numa cidade famosa por ser berço de homens-bomba. Os demais canais a cabo ressaltaram várias vezes essa informação e repetiam que os festejos não eram generalizados.

** As notícias de outras emissoras eram repassadas sem os cuidados tomados pelas próprias fontes: enquanto CNN e BBC davam essas notícias como não-confirmadas, a Globo News as repetia sem a devida ressalva.

** Nenhum repórter sabia o que era o *bunker* em Nebraska para onde um desarvorado presidente Bush parecia se dirigir logo após deixar a Flórida (aliás, nem o analista internacional Emir Sader, chamado a comentar os fatos, sabia que se trata de um complexo de defesa instalado no fundo da terra onde pode ficar alojada, até por anos seguidos, a cúpula do governo americano em caso de ataque nuclear.

** Ninguém comentou que a solidariedade do presidente russo Vladimir Putin foi tão rápida porque ele viu uma oportunidade de mostrar ao Ocidente o quanto vale o apoio mundial contra o terrorismo: na guerra contra a Chechênia, que os russos alegam estar nas mãos de guerrilheiros terroristas, ele buscou esse apoio em vão.

** O dólar caía em todo o mundo, mas subia no Brasil, e nenhum repórter perguntou aos analistas econômicos o porquê. Pode ser óbvio para quem especula no mercado, mas o espectador mortal não entende este processo, e até imagina o pior a respeito.

Só vendo para crer

Beatriz Singer

[19/9/2001 # <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/ter19092001991.htm>]

Não houve como desgrudar os olhos da TV ou do computador no dia 11 de Setembro. Seja porque a mídia não deixou por um minuto de noticiar detalhes e andamentos dos ataques terroristas a Nova York e Washington, seja porque apenas vendo as cenas horripilantes várias vezes fosse possível acreditar na tragédia que assolara a cidade mais poderosa do mundo.

Sem efeitos especiais, as imagens lembravam *Inferno na Torre* e *Independence Day*. Mas ali tudo era real, e os espectadores ficaram paralisados,

impotentes e traumatizados ao

acompanhar cada passo do desastre,

segundo Tom Shales [*The Washington*

Post, 12/9/2001]. Para a TV, foi um dia

tão angustiante quanto o do assassinato

do presidente Kennedy, em 1963; para os

EUA, foi o dia em que o povo americano

sofreu a maior catástrofe desde o ataque a Pearl Harbor, em 1941. O deputado republicano Newt Gingrich, entrevistado na Fox News, pode ter sido o primeiro a chamar o ataque de “o Pearl Harbor do século 21”.

Outros usaram a frase com o passar do dia.

Tudo começou com certa desconfiança. Na ABC, Diane Sawyer, do *Good Morning América*, disse aos telespectadores que “uma espécie de explosão atingiu o World Trade Center”. Em poucos minutos ficou claro o que ocorrera. Um correspondente da ABC podia ser ouvido ao fundo gritando, atônito, “Oh, my God!”, quando a segunda das torres gêmeas foi atingida. Pouco mais tarde, foi a vez do Pentágono, um prédio que os americanos acreditavam inatingível.

As emissoras decidiram suspender os comerciais e deram início a uma cobertura intensa do pior ataque terrorista da história dos EUA. Quando telefones, celulares e até a internet pareciam não funcionar, a TV manteve-se firme, informando cada detalhe ao espectador mais compulsivo. Apesar de não ter havido pane

Diane Sawyer disse à câmera da ABC: “Esta não é apenas mais uma reportagem, nem para os repórteres que foram treinados para fazer isso por muito tempo”. A experiente Diane estava, definitivamente, assustada.

nas emissoras, as equipes de reportagem por diversas vezes tropeçaram ao tentar receber informações no ar, com as cenas pulando rapidamente de Nova York para Washington e de volta a Nova York.

As imagens eram incomparavelmente poderosas e entristecedoras, mas palavras também se faziam necessárias e, com o passar do dia, minguaram.

“Foi um filme de televisão, certo? Algum espetáculo de ficção científica do patamar de *Independence Day*, *aliens* pairando no alto, planos aparentes de atacar o governo americano?” Assim começou Howard Rosenberg sua coluna no *Los Angeles Times*, no dia 11. Não foi ficção, claro, muito embora uma nação inteira pudesse, por pouco mais de um segundo, ter pensado isso.

A seqüência de um dos aviões explodindo numa das torres, segundo Rosenberg, foi possivelmente a imagem épica da TV de nossos tempos. Os correspondentes estavam angustiados a ponto de começar a recordar o passado, como Harold Dow, da CBS. Foi, também, um dia de eloqüência. “Nós estamos vulneráveis por causa de todas as coisas que nos fazem tão bons”, disse Tom Brokaw, da NBC News.

De forma geral, as imagens se destacaram em relação à narração dos repórteres. As reportagens, responsabilmente contidas, foram dirigidas por jornalistas que sabiam que palavras descuidadas poderiam pôr em pânico os americanos – que naquele momento confiavam piamente no que era dito e exibido pela TV.

Na tarde do dia 12, quase todas as emissoras noticiosas utilizaram a reportagem ao vivo da CNN em Cabul, capital do Afeganistão, onde ocorriam explosões desencadeadas por mísseis. Segundo Howard Rosenberg [*The Los Angeles Times*, 12/9/01], ninguém parecia saber se aquilo era retaliação americana contra o governo dos talibãs.

Tudo apontava para um dia de poucas palavras. Acima de tudo, foi um dia em que a TV sentiu orgulho de si mesma, pois desta vez a poeira e os escombros não vieram das bocas dos que estavam cobrindo o caso.

Erros inevitáveis

Naturalmente, houve muitos erros, na maioria pequenos. Na Fox News, um âncora disse “Vamos agora ao aeroporto Logan, em Washington”; o Logan, de onde os dois aviões seqüestrados partiram, fica em Boston. No estúdio da ABC News, o âncora Peter Jennings conversava com Anthony Cordesman, especialista em assuntos militares. Jennings disse que um rádio ao fundo fazia muito barulho. Cordesman virou-se e gritou à equipe: “Estou no ar com Peter! Vocês podem baixar isso?” Cordesman soou nefasto para um dia com notícias tão nefastas.

Para os telespectadores, o número de dúvidas pareceu infinito. Haveria outros ataques? Estavam os EUA, de fato, em guerra? Dan Rather, da CBS, referiu-se aos ataques como “a guerra mundial terrorista de 2001”, depois que o prefeito de Nova York Rudolph Giuliani disse que a cena na cidade lembrava a Segunda Guerra Mundial. Mais tarde, Tom Brokaw comparou a tragédia a uma chuva nuclear, à medida que a câmera mostrava vítimas e ruas cobertas de cinzas

Julgamentos perigosos

Jennings fez uma cobertura maravilhosa, na opinião de Tom Shales. Antecipou-se em alertar aos telespectadores para que não atribuíssem a culpa aos árabes prematuramente pelo terrorismo. Mais tarde, pareciam inacreditáveis as cenas de palestinos dançando de alegria nas ruas, em festa pelo desastre ocorrido nos EUA. A Liga Árabe Antidiscriminação dos EUA se apressou em enviar porta-vozes às emissoras e novamente alertaram contra julgamentos precipitados.

Pouco antes das 18h, a história pareceu ter dado uma guinada total quando a CNN noticiou explosões em Cabul, aparentemente causadas pelo disparo de mísseis. Cerca de oito horas após o colapso das torres gêmeas, as pessoas assistiram, horrorizadas, à queda do anexo 7 do World Trade Center.

Diane Sawyer, então, disse à câmera da ABC: “Esta não é apenas mais uma reportagem, nem para os repórteres que foram treinados para fazer isso por muito tempo. Tudo o que podemos fazer é reviver o horror cada vez que o vemos”. A experiente Diane estava, definitivamente, assustada.

Os terroristas souberam utilizar a mídia espetacularmente para magnificar o efeito dos atentados suicidas. A mídia não era o alvo mas o objetivo.

Se os terroristas não tivessem falhado no avião-4 (que caiu na Pensilvânia) teriam encenado outro show de horror, desta vez em Washington, diante das câmeras de TV devidamente alertadas pelo aparelho atirado contra o Pentágono.

Missão cumprida, o terror saiu de cena mas continua comandando o espetáculo por controle remoto. [A mídia continua pautada pelos terroristas](#). Com a decisiva ajuda dos sobreviventes da Guerra Fria e do tenebroso relativismo moral segundo o qual americanos merecem morrer pelos males que têm causado à humanidade.

Cansados de mostrar o horror (mesmo porque a reiteração só produz banalização) e porque escombros são imóveis e cadáveres não se exibem, desde a semana passada os veículos eletrônicos e impressos de todo o mundo fixaram-se na fascinante parafernália bélica que os Estados Unidos puseram em movimento para punir as organizações terroristas.

Televisões encheram-se de imagens de fabulosos aviões supersônicos subindo e descendo de porta-aviões; os veículos impressos, além disso, esmeraram-se nos infográficos e quadrinhos estilo Navarra para mostrar o poderio militar posto em movimento. Todos estão querendo repetir o show da Guerra do Golfo: os chefes militares forçando a intimidação psicomidiática e os responsáveis pela mídia imaginando que poderão repetir a façanha de cobrir outra guerra a partir de confortáveis hotéis na retaguarda.

Capítulo II

Guerra Fria, parte 2

Como sempre, a mídia obriga-se a esquentar um assunto ao máximo sem saber exatamente como fazê-lo. Mesmo com o espectro das quase sete mil vítimas, a maioria insepulta. A vacilação esquizofrênica manifesta-se mais visivelmente no Brasil: como o material que chega dos EUA é escasso – visivelmente controlado – e não consegue preencher as doses diárias de vibração, os editores fazem o que sempre fizeram: apelam para o opinionismo e para o achismo.

A mídia como campo de batalha

Alberto Dines

[26/9/2001 # <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/iq260920011.htm>]

Dupla bobagem: a caçada aos terroristas está ocorrendo e deve consumir-se longe das câmeras, em “operações especiais”, enquanto que a exibição do poderio militar americano só exacerba a vitimização dos culpados pela barbaridade da Terça Negra.

Como sempre, a mídia obriga-se a esquentar um assunto ao máximo sem saber exatamente como fazê-lo. Mesmo com o espectro das quase sete mil vítimas, a maioria insepulta. A vacilação esquizofrênica manifesta-se mais visivelmente no Brasil: como o material que chega dos EUA é escasso – visivelmente controlado – e não consegue preencher as doses diárias de vibração, os editores fazem o que sempre fizeram: apelam para o opinionismo e para o *achismo*. Quem sai perdendo são os nossos acadêmicos, que nesta rendosa azáfama de papos na internet, entrevistas no rádio, enquetes nos jornais e talk-shows nas televisões acabam revelando a dimensão do seu despreparo e o seu inesgotável potencial de sectarismo.

Nossos mediadores e aqueles que lhes pagam os salários ainda não avaliaram que a partir de 11 de Setembro a mídia foi escolhida para ser um campo de batalha. [A guerra psicológica que começa a travar-se pode pender para o terrorismo se a bandidagem politizada sentir-se abrigada pela simpatia e compreensão das massas](#), sobretudo em países periféricos como o Brasil.

Se as facções nostálgicas do confronto ideológico com suas palavras de ordem simplistas não repudiarem cabalmente o terrorismo estaremos reavivando em toda a sua extensão os horrores da Guerra Fria.

Pouco adianta despachar um repórter para Preshawar, na fronteira Afeganistão, para assinar o ponto. Seria preciso mandar outros para o Uzbequistão, Tajiquistão, Israel, Estado Palestino e Buenos Aires (onde começa o julgamento dos acusados de dinamitar um prédio da comunidade israelita, com 85 mortos). Este novo tipo de guerra não tem frentes nem trincheiras – sobretudo, não tem *briefings* na barraca do alto comando.

Melhor e mais humano seria fixar alguém em Nova York para acompanhar o resgate dos corpos e relatar histórias pessoais de sobreviventes, jornalistas, policiais, bombeiros. A guerra começou ali e ainda não acabou. De Nova York pode-se também esclarecer o público brasileiro a respeito do número aproximado de patrícios vitimados nos atentados e que tem variado entre 5 e 17. Nenhum veículo ou jornalista deu-se ao

trabalho de explicar que na linguagem eufemista dos diplomatas há dois tipos de “desaparecidos”: os presumivelmente mortos porque estavam no WTC e aqueles cujo paradeiro se desconhece porque lá não estavam.

Em nosso mundinho midiático, as maiores aberrações dos últimos dias foram as seguintes:

1. O desgastado recurso da sondagem de opinião pública que as irmãs *Folha* e DataFolha utilizam para reforçar suas posições editoriais (domingo, 23/9/2001, pág. A1 e A2 do Especial). É uma temeridade estatística afirmar em espalhafatosa manchete de primeira pagina que 79% dos brasileiros pensam isso ou aquilo quando são ouvidos apenas 2.830 pessoas em 127 municípios e no DF. Não se precisa gastar o rico dinheirinho do Grupo Folha para procurar saber se os brasileiros são contrários à retaliação militar. Todo o mundo é, exceto, os americanos – óbvio. **Mais significativa é a preferência em “localizar, prender e julgar os responsáveis pelos atentados” defendida por 74% dos entrevistados.** Praticamente o mesmo percentual dos que rejeitam a ação militar. **É uma clara e categórica condenação do terrorismo pela sociedade brasileira no exato momento em que nas colunas de opinião é visível um esforço para suavizar e relativizar a barbaridade dos atentados com cínicas justificativas ideológicas.**

2. Causa estranheza que a mídia brasileira não tenha se debruçado para estudar o “ataque” contra a CNN iniciado por um novo tipo de *hacker*, o ideológico – como informou este *Observatório*. Com base num desconhecido site de uma publicação jurídica de Campinas (SP), em poucos dias ganhou o mundo o boato de que as imagens da CNN mostrando o regozijo de alguns palestinos após os atentados seriam falsas – reprodução dos festejos pelos Scuds de Saddam na Guerra de Golfo, em 1991. Este é um novo tipo de desinformação habilmente manipulado por pessoas politizadas que não brincam em serviço. Um inocente e-mail na base do *você sabia disso?* irradia-se com grande velocidade e toma conta dos incautos em todo o mundo. Como em tempos de crise a CNN domina o noticiário mundial, o rumor teve todas as características de contra-informação. Exatamente uma semana depois chegava ao *New York Times*. Mais uma vitória do engenho brasileiro.

3. O “Atlas do Terror Islâmico” na última *Veja* (págs. 88-89) é um acinte. Esquece o terror do ETA, do IRA, das Farc e das loucuras perpetradas pela Unita em Angola, fixando-se apenas nas matanças efetuadas por radicais muçulmanos. A xenofobia, o ressentimento e o preconceito começam assim. Na inclinação para totalizar e na incapacidade para diferenciar. Dos três fundadores das religiões monoteístas, o único guerreiro foi o profeta Maomé (Moisés foi líder político e Jesus, líder místico) – razão pela qual a espada tremula em muitas bandeiras islâmicas. Mas a guerra aberta jamais foi condenada, sempre aceita como modo de

resolver pendências que o diálogo não contorna. A generalização islamismo=terrorismo é um voto de apoio ao terror. Exatamente igual à pregação hitlerista de que todo judeu era comunista.

White plates press

Luiz Weis

[26/9/2001 # <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/iq260920012.htm>]

Pelo menos nos cinco primeiros dias que se seguiram à carnificina terrorista nos Estados Unidos – quando, pelo fortuito fato de estar lá, acredito ter lido e visto quase tudo de importante que saiu sobre o horror nos principais jornais e emissoras de TV do país – parecia mais fácil achar uma vítima viva nos escombros do World Trade Center do que reportagens ou artigos que não ecoassem a “linha justa” de Washington sobre os acontecimentos.

Essa não é uma opinião solitária, implicante ou esquerdóide. Numa restrita reunião acadêmica para discutir a nova crise política mundial, em São Paulo, na sexta-feira [21/9/2001], um dos participantes contou ter ouvido de um empresário a seguinte

observação. “Bom mesmo é nos Estados Unidos”, comentou, numa comparação com o Brasil. “Ali a imprensa não fala mal do governo.”

Não é possível que não haja uma relação entre o desinteresse da mídia americana sobre como ficou o mundo depois dos atos de barbárie e o desinteresse do governo Bush em se entender com esse mundo para um combate comum à praga terrorista.

Concordo com a avaliação de Alberto Dines, segundo a qual a mídia americana, especialmente a nova-

iorquina, “reagiu com incrível velocidade (aos atentados), derrubou os constrangimentos empresariais relativos a custos e receitas, esqueceu o *show business*, mostrou o que precisava ser mostrado” – incluindo, é bom acrescentar, as reiteradas denúncias de representantes da comunidade árabe-americana (ou muçulmano-americana) sobre os odiosos ataques racistas que se multiplicavam contra adultos e crianças de aparência ou vestes islâmicas.

Mas nenhum órgão de imprensa americano que vale o que pesa pôs em dúvida, por exemplo, a instantânea versão oficial de que o culpado pelas atrocidades é o saudita acantonado no Afeganistão, Osama bin Laden, de notória folha corrida no departamento de façanhas terroristas contra alvos civis e militares americanos.

Nenhum repórter, comentarista ou redator de editoriais fez, com a devida insistência e contundência, a singela pergunta “de 64 mil dólares”, como se dizia décadas atrás, quando esse era o grande prêmio dos precursores dos shows do milhão na TV americana: cadê as provas?

Cena de crime

Sob o impacto da maior, mais espetacular e mais virulenta agressão já sofrida pelos Estados Unidos em seu território continental, os jornalistas locais aceitaram – com mansidão espantosa para todos aqueles minimamente familiarizados com o cético olho duro dessa alcatéia faminta por um *scoop* – a resposta de que provas o governo as tinha, só não podia apresentá-las porque de outro modo exporia as fontes que as forneceram.

Desta vez, na contramão de tudo que se notabilizou por fazer pelo menos desde a Guerra do Vietnam, em matéria de escarafunchar as verdades do oficialismo, até trazer à tona as mentiras que elas costumam acobertar, a mídia americana comprou o peixe bin Laden com escamas e tudo. A desconfiança deserdou a imprensa mais xereta do planeta.

Deixou-se barato ainda a alegação da Casa Branca de que George W. Bush ficou ziguezagueando pelo país desde que soube dos ataques, quando visitava uma escola na Flórida, porque havia suspeitas de que o Air Force One seria outro alvo dos terroristas, se estivesse, como de costume, na Base Aérea de Andrews, em Washington. Bush só pôs os pés no seu lugar de trabalho às 7 da noite – e esse foi praticamente o único reparo importante que parte da imprensa, em especial o principal repórter político do *New York Times*, R. W. Apple Jr., fez ao comportamento do presidente durante a tragédia.

Deu também para notar a mesma deficiência no noticiário estritamente “policia” do caso. Salvo engano, não apareceu em parte alguma um relato coerente e comprovável da história toda – ou da história que já tenha sido possível reconstruir. Ou pelo menos uma lista criteriosa de todas as perguntas ainda sem resposta sobre o tenebroso ultraje.

Contou-se aparentemente direito o capítulo do treinamento, numa escola de aviação da Flórida, dos sauditas que acabaram assumindo o manche dos aviões seqüestrados, conseguindo jogar dois deles contra as torres do WTC e outro no Pentágono.

Não se contou, porém, a não ser aos fiapos, o capítulo Boston da trama. Logan, o aeroporto local, de onde partiram dois dos quatro jatos comerciais capturados, foi considerado “cena de crime” e fechado de terça a sábado [15/9] de manhã. Para a imprensa, só vazou a história do carro apreendido no estacionamento, onde

o FBI achou um vídeo e um manual de pilotagem (em árabe). Sobre a eventual participação do pessoal de terra – mecânicos, pessoal de limpeza, transportadores de bagagens, entregadores de comida – nem uma palavra.

Na tarde da quinta-feira [13/9], com o alarido habitual, uma frota de viaturas, ambulâncias e carros de bombeiros, sirenes a todo vapor, cercou, esvaziou e ocupou um dos hotelões do centro de Boston, o Westin Copley, onde participantes da operação se haviam hospedado. A polícia chegou lá seguindo a pista de cartões de créditos usados pelos bandidos. A *razzia* rendeu as previsíveis tomadas de TV, mas não acrescentou um parágrafo que valesse a pena ler ao noticiário da semana.

Jornal estrangeiro

À parte a história dos pilotos suicidas na Flórida, incluindo a sua despedida, num bar de ostras local, o máximo que os jornais e as TVs tinham a oferecer naqueles dias eram peças avulsas e desconectadas desse quebra-cabeça sobre a tremenda vulnerabilidade da única superpotência mundial a uma ofensiva até então concebida apenas em *thrillers* e filmes de Hollywood.

Outra coisa que faltou nos primeiros dias da vasta cobertura da terça-feira negra foi o mundo. Se quisesse saber como que os poderosos da Terra (e os nem tanto) vinham reagindo ao massacre de 11 de Setembro, o leitor e telespectador estrangeiro nos Estados Unidos tinha de dobrar o jornal, tirar o som da TV e viajar na internet.

Não é novidade para ninguém a histórica introversão da imprensa nos Estados Unidos – TV, então, nem falar. Daí a colossal ignorância do homem da rua sobre o que se passa habitualmente além das fronteiras de seu grande país. (Vai ver que é por isso que, não faz muito tempo, Bush imaginava que Talibã era um conjunto de rock.. Sério. Deu no jornal.)

Daí também o que primeiro distinguiu o *New York Times* do resto da competição: a cobertura do exterior, entregue a uma rede de correspondentes próprios que, um pelo outro, acabavam sabendo mais dos países onde viviam do que os respectivos embaixadores de Tio Sam e do que a maioria do pessoal do Departamento de Estado. (Por isso mesmo, eram assediados o tempo todo pela CIA, ao menos para trabalhos de *free lance*, digamos assim.)

Não é possível que não haja uma relação entre o desinteresse da mídia americana sobre como ficou o mundo depois dos atos de barbárie e o desinteresse do governo Bush em se entender com esse mundo – à parte as invocações retóricas – para um combate comum à praga terrorista.

Unilateralista remido, o presidente republicano que até agora só fez isolar os Estados Unidos no caso de uma variedade de questões, a exemplo do Protocolo de Kyoto contra o efeito estufa, sequer se dignou a fazer uma mísera referência às Nações Unidas no seu celebrado discurso de guerra ao terror, perante o Congresso americano, na quinta-feira [20/9]. E se falou em cooperação – uma só vez – foi para pedir que os americanos cooperassem com as investigações do FBI.

De novo salvo engano, nenhum grande jornal dos Estados Unidos destacou essa omissão acabrunhantemente reveladora da mentalidade Rambo com que o governo Bush parte para o confronto global com o fundamentalismo muçulmano. Quem registrou esse fato da maior gravidade política foi um editorial de um jornal estrangeiro, *O Estado de S.Paulo*, na edição de sábado [22/9].

Fragilidades da cobertura online

Beatriz Singer

[26/9/2001 # <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/iq260920013.htm>]

A cobertura online dos ataques terroristas aos EUA revelou-se um fiasco. Além de ter ficado evidente sua inferioridade frente às chocantes imagens disponíveis na TV, as informações online não tiveram como escamotear sua fragilidade. A rede pode ser rápida, mas não chega a ser instantânea. Faltaram clareza, precisão e apuração. Faltou acesso fácil, como o da TV. Faltaram elementos que conquistassem a credibilidade do público. Afinal, nada poderia convencer o público de que aquilo tudo era verdade a não ser as próprias imagens ao vivo – privilégio da TV.

Qualquer um pode construir uma mentira e a internet é o meio perfeito para que a mentira seja divulgada e tenha repercussão mundial.

Nas cenas transmitidas por todas as emissoras noticiosas não havia como forjar imagens. Por mais difícil que fosse a aceitação da catástrofe, aquela era a boa e velha TV, e não havia como negar a veracidade do que se estava passando – ao contrário da internet, onde hackers e espíritos de porco podem “brincar” com as notícias e com pessoas angustiadas.

Via e-mail, informações truncadas e contraditórias chegaram e ainda chegam aos montes. Em meio a piadas e charges repetidas e de mau gosto, uma mensagem em especial chamou a atenção e rodou o mundo, chegando a se noticiada em diversos sítios noticiosos.

Tudo começou no computador de Márcio Carvalho, mestrando em Lógica e Sociologia na Unicamp. Logo, um e-mail intitulado “A farsa da CNN” rodou o mundo, sendo traduzido do inglês para diversas línguas. A mensagem diz:

“CNN utiliza filmagem de 1991 de palestinos comemorando nas ruas para manipular você.

(...) Existe um ponto importante sobre o poder da imprensa, especificamente do poder da CNN.

(...) Acho que todos vocês devem ter visto imagens desta companhia. Em particular, uma chamou a minha atenção: os Palestinos comemorando o bombardeio, nas ruas, comendo bolo e fazendo caras engraçadas para as câmeras.

Bem, ESTAS IMAGENS FORAM FEITAS EM 1991!!! Estas são imagens dos palestinos comemorando a invasão do Kuwait! É simplesmente inaceitável que uma superpoderosa forma de comunicação como a CNN use imagens que não correspondem com a realidade relatada sobre as situações sérias que estão acontecendo.

O meu professor, aqui no Brasil, tem fitas de vídeo com gravações de 1991, com as mesmas imagens; ele está mandando e-mails para a CNN, Globo (a maior rede de TV do Brasil) e jornais, denunciando o que eu mesmo classifico como um crime contra a opinião pública. (...) Márcio A. V. Carvalho # Universidade de Campinas – Brasil”

Em 17 de setembro, a CNN distribuiu nota oficial repudiando as falsas afirmações do estudante. A organização noticiosa solicitou que seu comunicado fosse enviado para todos que o pedirem. O texto, traduzido na íntegra e disponível no sítio brasileiro da CNN <www.cnn.com.br>, diz:

“Comunicado oficial da CNN sobre boatos de uso de imagens falsas [18 de setembro, 2001]

‘A CNN rejeita o argumento sem base e ridículo, segundo o qual, a CNN transmitiu um vídeo de quase 10 anos atrás para ilustrar as comemorações dos palestinos após a horrível tragédia que atingiu os Estados Unidos em 11 de setembro. Meus colegas e eu aplaudimos a UNICAMP por ter realizado o esclarecimento pertinente’ – Eason Jordan, presidente da rede de notícias CNN.

A fita de vídeo a que nos referimos foi filmada no setor oriental de Jerusalém por cinegrafistas da agência Reuters em 11 de setembro. A Reuters TV pode fornecer confirmação a respeito.

A alegação é falsa. A fonte da alegação retrocedeu e pediu desculpas. Tudo começou com um estudante brasileiro que agora afirma ter se corrigido imediatamente após perceber que a informação era falsa.

A seguir, encontra-se a declaração da universidade freqüentada pelo estudante e autor da mensagem eletrônica em que este boato foi difundido. Para desdobramentos com a instituição de ensino, recomendamos comunicar-se diretamente com a Universidade de Campinas, no Brasil.

Por favor, leia, copie e envie este texto para todos que você conhece que podem ter recebido as falsas informações. Obrigado.

‘Comunicado oficial da Universidade de Campinas [17/9/01]

A Reitoria da Unicamp informa que desconhece a existência de uma fita de vídeo datada de 1991, cujas imagens teriam sido veiculadas pela rede de televisão CNN como de palestinos comemorando os atentados terroristas nos Estados Unidos. Sendo a suposta fita de 91, surgiram logo suspeitas de que as imagens levadas ao ar eram falsas.

Esta informação foi desmentida, logo que se comprovou inverídica, por Márcio A. V. Carvalho, aluno de mestrado de Lógica e Sociologia da Unicamp. Ele procurou a Reitoria hoje, 17.09.2001, para esclarecer que:

** a informação que recebeu, verbalmente, foi de que um professor de outra instituição de ensino (e não da Unicamp) possuiria a fita;

** enviou a informação para uma lista de discussão sobre teoria social;

** várias pessoas da lista se interessaram pelo assunto, solicitando detalhes;

** procurou novamente a pessoa que lhe passou a informação, que desta vez negou conhecimento sobre a fita;

** imediatamente, enviou um desmentido para a lista e para todas as outras pessoas que o procuraram.

A mensagem original, contudo, foi redistribuída para várias partes do mundo, com graves distorções, inclusive em formato de artigo assinado pelo estudante. Ele alerta que seu domínio foi hackeado. E-mails têm sido enviados em seu nome e aqueles datados a partir de 15.09.2001 devem ser ignorados.

Entre as graves distorções está a informação de que um grupo de pesquisadores da Unicamp estaria avaliando a fita, o que é completamente improcedente. A Reitoria considera esse desmentido como definitivo, evitando novas manifestações como cuidado para fazer cessar a onda de boatos.

A Reitoria”

Em 20 de setembro, a Reuters também publicou um comunicado oficial corroborando as afirmações da CNN. “A Reuters rejeita como totalmente infundada a alegação que está circulando via e-mail e pela internet”, diz o texto da agência, que também elogia o comunicado da Unicamp. A Reuters lembra, ainda, que o vídeo também foi transmitido por outras organizações noticiosas clientes da agência.

Um envergonhado Márcio Carvalho enviou, então, uma mensagem oficial, publicada pelo Relatório Alfa:

“Prezados,

No último dia 13 de setembro eu enviei um e-mail para uma lista de teoria social na qual eu fornecia algumas informações sobre a falsidade das imagens da comemoração Palestina por causa do atentado terrorista nos Estados Unidos, informação dada a mim por uma professora. Eu passei o dia de ontem procurando por minha professora e, infelizmente, quando eu a encontrei, ela NEGOU ter tido acesso a tais imagens.

Ela disse que estava certa de ter visto aquelas imagens em 1991, mas ela não pode provar. Ela não tem intenção de dar outras informações, negando o que ela tinha dito antes para uma sala cheia de alunos.

Eu sinceramente peço desculpas por ter passado essa informação incerta; infelizmente eu não posso provar as informações contidas em meu e-mail; foi somente uma conjectura, que aquelas imagens dos palestinos comemorando seriam falsas. Eu compreí a idéia e reproduzi para vocês por causa da importância dela no caso de poder ser confirmada.

Qualquer nova notícia, eu passo a vocês.

Atenciosamente, Márcio A. V. Carvalho”

Da história, fica a lição. Qualquer um pode construir uma mentira e a internet é o meio perfeito para que a mentira seja divulgada e tenha repercussão mundial. Se não for cultivado o comportamento moral e ético na rede, será preciso continuar navegando por mares de pixels incertos com incontáveis pulgas atrás da orelha.

Hacker invade Yahoo

Logicamente, os bárbaros não atacam só em países pobres como o Brasil. Bob Sullivan, repórter da MSNBC.com, publicou, em 19 de setembro, uma reportagem sobre a incursão de um hacker no megaportal Yahoo. O pirata cibernético alterou informações, atribuindo falsos comentários ao presidente Bush.

O autor do vandalismo, Adrian Lamo, é pesquisador de segurança em computadores. Segundo a SecurityFocus.com, o hacker de apenas 20 anos conseguiu editar reportagens publicadas na seção de notícias do Yahoo.com, na semana passada. O pesquisador teve acesso às ferramentas de publicação do Yahoo por cerca de três semanas. Durante sua “estadia”, alterou um artigo da Reuters publicado no portal.

Lamo disse à MSNBC.com que modificou um texto de 23 de agosto sobre Dmitry Sklyarov, programador russo acusado de cometer crimes federais nos EUA. De fato, o artigo sofreu diversas alterações. Um porta-

voz do Yahoo confirmou o incidente e disse que a companhia já tomou medidas para restabelecer a segurança do portal.

Tentando restabelecer um padrão mínimo de escrúpulos, o hacker afirmou ter tido acesso às ferramentas que publicam dados do mercado financeiro entregues a assinantes por e-mail, mas não mudou nada “porque estaria indo longe demais”, disse. Afirma ter escolhido intencionalmente reportagens pequenas e de baixo impacto porque tentava apenas provar ao Yahoo que seu sistema de segurança era falho.

Lamo, com ares de professor da vida, disse ter ficado mais surpreso com a apatia geral dos leitores que com o sistema de segurança do portal. “Uma das reportagens ficou no ar por três dias e ninguém se indignou a ponto de mandar um e-mail ao Yahoo”, afirmou o hacker.

Uma coisa ficou clara nessa história toda: navegar pela internet de hoje é enfrentar mares bravios, povos bárbaros, piratas e corsários. Quem não estiver consciente disso e atento às adversidades e à fragilidade que o ciberespaço apresenta, pode acabar afundando numa lamaceira de desinformação.

Capítulo III

Os desdobramentos e a volta da “cascata”

Há várias fórmulas para classificar o comportamento da mídia brasileira nas três últimas semanas que se seguiram aos ataques terroristas ao World Trade Center e ao Pentágono.. Falta de perspectiva e desnorteamento são algumas delas.

Uma cobertura para não esquecer

Alberto Dines

[3/10/2001 # <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/iq031020011.htm>]

Três semanas “clássicas”, para entrar em qualquer tratado de patologia jornalística ou qualquer manual sobre o que não fazer.

A mídia brasileira conseguiu confirmar tudo o que se esperava dela em matéria de falhas. Tendo por cenário um dos momentos cruciais da história mundial desde o fim da Segunda Guerra, conseguiu repetir todos os seus erros anteriores:

** Os cadernos especiais evaporaram, exceto na *Folha de S.Paulo*.

** A cobertura dos desdobramentos desconcentrou-se. Economia num canto, investigações locais no outro, ação diplomática em outro mais. Assim, a célebre “testemunha da história” acabou correndo atrás de coisinhas isoladas e fragmentadas sem oferecer ao cidadão a magnitude do que está vivendo.

** O suporte analítico sumiu, restou apenas o que vem do exterior. O meio acadêmico esgotou o seu estoque de especialistas em coisa nenhuma. Ou foram os editores que caíram em si e perceberam o número de bobagens que estavam divulgando? No último fim de semana, numa rádio paulistana classe A, um deles (oriundo de um núcleo de estudos estratégicos) tentava provar, exaltado, que os atentados só tiveram êxito porque os aeroportos de onde partiram os aviões eram privatizados...

** Abundam infográficos e o jornalismo de quadrinhos – o que engrandece e equaliza a desinformação já que todos fazem a mesma coisa na direção errada.

** Como as operações militares tornaram-se secretas, aumentou o recurso das “imagens simbólicas” que nada têm a ver com o que efetivamente sucede.

** Abandonou-se de forma ostensiva a cena da tragédia. Poucos estão interessados em contar o que continua acontecendo em Nova York. Para não parecer pró-vítima e, portanto, pró-EUA, nossa mídia já enterrou os mortos. E finge que corre atrás dos culpados.

De forma dramática juntam-se aqui dois problemas: o viés político comandando a parte noticiosa e o noticiário funcionando na base de espasmos, inconsistente, quase sempre claudicante por falta de recursos materiais, espaço (ou tempo) e, sobretudo, gente experimentada.

O viés político está levando a mídia brasileira a retornar aos tempos da “cascata”. E num tremendo acontecimento como esse, com dimensões e conseqüências mal divisadas. Como a situação internacional vai afetar decisivamente o curso dos acontecimentos nacionais (pelo menos ao longo dos próximos 12 meses) poucos são os opinionistas ou editores com coragem para ir fundo. Ficam todos cheios de dedos.

De certa forma repete-se hoje na mídia brasileira o acontecido em 1939-41, quando muitos jornalistas ligados ou simpáticos ao PCB – e obedecendo à “linha justa” do pacto Hitler-Stálin – assumiram uma posição álgida, olímpica, diante do avanço nazi-fascista.

Só em julho de 1941, quando os alemães invadiram a URSS, é que a esquerda brasileira acordou e botou a boca no trombone. Pouco antes dos submarinos alemães começarem a afundar os barcos mercantes brasileiros.

Foi a imprensa dita “liberal” (com o apoio dos trotskistas), e não a “progressista” de então. que acordou a sociedade brasileira para o avanço do terror hitlerista. Isso poucos anos depois do massacre de Guernica, perpetrado por Franco com apoio da força aérea alemã.

Há um medo generalizado de sofrer por causa dos mortos de Nova York e de Washington. Há uma intimidação tácita para impedir o repúdio ao terrorismo. No Brasil de hoje não é politicamente correto condenar o uso da violência. Temos que nos acovardar diante dela.

Do seqüestrador de Patrícia Abravanel ao bandido da esquina, são todos Robin Hoods merecedores das nossas simpatias.

Só porque Bush é um rematado idiota, o público brasileiro – ou sua parte pensante – está sendo induzido a aceitar a premissa de que o horror ao terror é coisa de ianques ou seus servos.

Há várias fórmulas para classificar o comportamento da mídia brasileira nas três últimas semanas. Falta de perspectiva e desnorteamento são algumas delas. Mas se o diagnóstico ficar muito complicado basta dizer: “Lembra-vos de 1939”.

De Schwarznegger ao Afeganistão

Muniz Sodré

[3/10/2001 # <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/iq031020012.htm>]

ra um filme típico de Schwarznegger e, como tal, promessa de muito tiro e pancada. Na vitrine do cinema, o cartaz dizia “seqüestraram a filha dele; alguém, em algum lugar, vai pagar por isto”. À noite, no Baixo Leblon, um boêmio inveterado, copo de chope à frente, desabafa para um amigo jornalista a propósito do filme: “Veja só como é americano, alguém vai ter de pagar... esse ‘alguém’ pode ser eu!”

O episódio tem uma certa graça paranóica. Era esta de fato a intenção do boêmio carioca. Agora, porém, adquire, insolitamente, outras nuances diante da avalanche de informações na mídia sobre os eventos terroristas nos Estados Unidos e a retaliação anunciada. Pelo que temos visto, há motivo suficiente para se dar razão aos temores do boêmio: alguém vai ter de pagar e pode ser qualquer um.

Sem um acompanhamento crítico da imprensa, a discriminação não tardará a se fazer visível nos aeroportos, nas ruas das metrópoles americanas e européias, contra todo indivíduo de tez parda e cabelos negros.

A péssima perspectiva está inscrita primeiramente nas declarações de autoridades norte-americanas e, até mesmo de alguns de seus jornalistas, no sentido de que a “guerra” começou, e o inimigo é todo aquele que não se reconheça a partir dos valores da democracia americana.

Mas que valores são esses? Há os abstratos, bons para o discurso diplomático, tais como liberdade, igualdade e direitos humanos. Por outro lado, os concretos, que seguem a *realpolitik* de Washington e têm a ver com a conveniência oportunista da violação de soberanias territoriais, apoio a golpes de Estado, bombardeio de populações civis, assassinatos de líderes políticos etc. Na hora da conveniência, restringem-se direitos civis dentro do próprio território americano, anuncia-se despididamente o retorno dos métodos “sujos” das agências de espionagem e a palavra “guerra” aparece para legitimar muita coisa, inclusive a escalada do orçamento militar.

Não é difícil deduzir que os atentados beneficiaram setores ponderáveis dentro dos Estados Unidos, a começar pelo seu presidente, cuja eleição foi das mais discutíveis e agora adquire uma unanimidade esmagadora. Para quem conhece História, é bom lembrar o incêndio de Roma por Nero: depois, na falta de muçulmanos, os cristãos tornaram-se bom alvo. No fundo, inexistente diferença de princípio entre a ação norte-americana e a do terror.

Realidade substantiva

Como identificar então o inimigo? Quem vai ter de pagar? Há nos Estados Unidos, segundo agências noticiosas, cerca de cem mil milicianos de direita francamente favoráveis a atos de terrorismo, a exemplo do apoio que deram ao terrorista McVeigh, já executado pelo atentado a bomba em Oklahoma. Não é preciso ir longe, até a Ásia, para encontrar terroristas: eles existem em número impressionante dentro da própria nação norte-americana. E, pelo que relata agora a imprensa, ali viviam os suicidas que tomaram e pilotaram os aviões dos atentados.

No entanto, a imprensa do Centro do Império, seguida de perto por grande parte da brasileira, não hesitou em dizer no primeiro momento que o inimigo é o Oriente. No calor do instante, uma manchete da *Folha de S.Paulo*, por exemplo, foi taxativa a este respeito: os árabes eram os culpados.

“Oriente” e “árabe” são termos muito genéricos. Uma coisa são os talibãs afegãos, outra os vizinhos sauditas ou os cidadãos dos países do Maghreb. O Paquistão não é sequer país árabe. Nem mesmo o Corão vale como identificação homogeneizante, uma vez que o “fato islâmico” deve ser separado do “fato corânico”, isto é, da leitura diferenciada e múltipla das suratas reveladas a Maomé. A mídia comporta-se como se não estivesse a par das distinções, como se quisesse passar ao público-leitor a idéia de que é tudo a mesma coisa.

É nesse estado nascente das emoções irrefletidas que se percebem com mais clareza as raízes dos preconceitos, do racismo e do terror. Estas, com efeito, expandem-se no terreno das homogeneizações aplastantes, quer dizer, das identificações fáceis que apagam as diferenças ou as singularidades humanas. A hipótese de um estado de guerra, não como metáfora adjetivante, mas como realidade substantiva, sugere a perfeita identificação de um inimigo nacional.

“Justiça infinita”

Se tal hipótese é de algum modo compreensível no caso dos Estados Unidos, cujo território foi brutalmente agredido, torna-se no mínimo ridícula no caso do Brasil, cujo ministro das Relações Exteriores proclamou em alto e bom som: “Vamos à guerra!” No dia seguinte, se desdisse, mas ficou o grotesco da bravata.

Não foi muito diferente o tom da maioria de artigos e editoriais de nossa imprensa. Um emocionalismo de inspiração telenovelesca substituiu a argumentação racional na condução dos comentários. Isto, ao mesmo tempo em que o noticiário dava conta do recrudescimento da caça aos suspeitos, homoganeamente identificados como “terroristas árabes”.

De repente, com esse andar da carruagem, sem um acompanhamento crítico da imprensa, a discriminação não tardará a se fazer visível nos aeroportos, nas ruas das metrópoles americanas e européias, contra todo indivíduo de tez parda e cabelos negros.

Na prática, é isto o que significará a “justiça infinita” (nome da operação militar que embarca Rambos e Schwarzneggers para o Oriente Médio), feita por americanos. Para o Islã, só Deus, e não o homem, é capaz desse tipo de justiça. Na esfera humana, esse “infinito” só pode ser entendido como pretensão do poder imperial de vasculhar, sem limites, o planeta, em busca de um inimigo, todavia ainda não identificado. Infinitamente, sem limites, alguém vai ter de pagar.... E pode mesmo ser eu.

A primeira estrela da guerra

Nelson Hoineff

[3/10/2001 # <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/iq031020013.htm>]

Lembro da cobertura da Copa de 74, na Alemanha. para a extinta *Última Hora*. A seleção treinava em Feldberg, na Floresta Negra, mas telex público, antes do início da competição, só havia na Suíça. A solução: voltar todos os dias do treino para Freiburg e de lá tomar um trem até Basel, redigindo o texto numa moderníssima Lettera 22, de ferro, sobre os joelhos. Em Basel, uma pequena corrida até chegar ao telégrafo, junto da estação. Um café enquanto o funcionário suíço rebatia tudo sem entender uma palavra de português; e tentar pegar o último trem de volta para a Alemanha, para reiniciar a rotina cedinho, no dia seguinte.

Nos vinte e tantos anos que se seguiram, o telex conseguiu escapar da indefectível fitinha perfurada, o que já era bom; depois veio o fax, que parecia mesmo coisa do demo; em seguida, a internet – e o resto da história todo mundo já ouviu centenas de vezes.

O leitor, que podia esperar dois dias por uma informação, hoje reluta em esperar dois minutos. A tecnologia vai impondo mudanças nos hábitos de consumo, mas sobretudo determinando novos estilos de cobertura.

No início dos anos 80, dois conceitos ligados à cobertura de televisão foram criados quase ao mesmo tempo como resultado da revolução nos mecanismos de distribuição de sinais: os de redes internacionais e de redes de notícias.

Uma rede de notícias não é necessariamente internacional (veja-se as brasileiras) e uma rede internacional não é necessariamente de notícias. Mas quando elas se juntam (CNN International, Fox News International, BBC World), a necessidade de surfar na experimentação tecnológica cresce exponencialmente. É aí que estão nascendo as mais importantes evoluções recentes da cobertura telejornalística.

O estágio, neste momento, é o sonho dos futurologistas de apenas 5 anos atrás. Basicamente, a geração de uma imagem de TV depende apenas de onde um homem possa chegar carregando uma mala com peso de 7 quilos.

Como sempre, a guerra finca marcos referenciais. Em 1912, Lee de Forest era processado por divulgar uma invenção “sem qualquer propósito”. No final da Primeira Guerra Mundial, milhares de receptores Westinghouse fabricados para as forças armadas americanas eram reaproveitados, dando início à exploração comercial do rádio, a tal invenção despropositada.

Baixo custo

Na guerra da vez, o divisor de águas é o videofone. É com ele que o repórter da CNN Nic Robertson, que está em Cabul, põe suas imagens no ar. Todo mundo, inclusive a *Veja*, registrou o fato.

O curioso é que o videofone, em si, não apresenta uma grande inovação. Ele é na verdade uma feliz integração de tecnologias já existentes, que convergem para esse aplicativo: captação de imagens com microcâmeras, *streaming* e, sobretudo, conexão telefônica via satélite.

A novidade havia sido anunciada, de forma ainda rudimentar, em maio de 1999, por uma companhia japonesa chamada Kyocera: o VisualPhone VP210 era capaz de transmitir e receber imagens em tempo real a uma velocidade de dois frames por segundo, quinze vezes menor do que a televisão convencional.

Exatamente dois anos depois, em 11 de abril de 2001, a CNN utilizou uma versão bem melhorada do equipamento – fabricada pela 7E, de Londres – para transmitir a saída da ilha de Hainan dos tripulantes do avião-espião dos EUA detidos na China. Era a primeira transmissão ao vivo de imagens não-autorizadas

vindas de território chinês. Os competidores tiveram que ir a um centro de transmissão por satélite para levantar material semelhante. A qualidade era melhor, mas as imagens eram sujeitas à aprovação dos chineses e chegaram 25 minutos depois. Estava inaugurado um novo patamar para coberturas internacionais por redes de televisão.

A um custo de apenas 14 mil dólares (que inclui as unidades de transmissão e de recepção), a versão moderna do videofone foi desenvolvida apenas para mostrar a face do repórter no tipo de relato que geralmente é feito por telefone, com uma incômoda fotografia estampada na tela junto a um mapa do local. Por isso era chamada de *talking head*.

A CNN subverteu essa forma de utilização. “Usou o equipamento exatamente da forma que nós lhes dissemos para não fazer”, disse, à época, Peter Beardow, presidente da 7E. Nos cinco meses que se seguiram, levou o videofone para o resgate de um médico chileno na Antártida e para o terremoto na Índia (onde chegou seis dias antes dos equipamentos convencionais) e, agora, para o Afeganistão. Não vai parar nunca mais.

Nova era

Transmissores portáteis que faziam o *uplink* direto da imagem para o satélite – e que eram a grande novidade na cobertura da guerra do Golfo –, hoje parecem instrumentos tão jurássicos quanto a Lettera 22 viajando de trem para perfurar fita de telex no outro país. Na verdade, é o rápido desenvolvimento de aplicativos como o videofone que está contando a história da cobertura jornalística na televisão contemporânea.

O estágio, neste momento, é o sonho dos futurologistas de apenas 5 anos atrás. Basicamente, a geração de uma imagem de TV depende apenas de onde um homem possa chegar carregando uma maleta com peso de 7 quilos. As barreiras da tecnologia, do transporte, da visibilidade e da instalação de grandes equipamentos estão praticamente superadas. A transmissão de uma imagem é quase tão fácil quanto um relato verbal.

É a guerra contra o Afeganistão, ou contra os redutos terroristas que os EUA elegerem, que vai contar essa história. Antes de começar, a guerra já eliminou a parafernália dos equipamentos de transmissão e iniciou uma nova era nas coberturas de televisão, nas quais o diferencial não vai estar na velocidade (que aos poucos irá se igualando) mas na consistência com que o discurso é feito. Mais uma vez, a tecnologia estimula a sofisticação do conteúdo.

Guerra sem espetáculo parece cobertura política

Alberto Dines

[10/10/2001 # <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/circo/cir101020011.htm>]

O balanço do primeiro dia da primeira guerra do século e do milênio confirma o que aqui se dizia: a mídia brasileira não se apresenta com envergadura suficiente para consolidar os fragmentos e fiapos de informações que vai soltando ao longo das edições.

Sob o ponto de vista midiático esta guerra está chatíssima. Felizmente: quanto menos máquinas de guerras forem mostradas menos vontade terão os soldados natos e inatos para usá-las.

A cê-êne-êne mirim – Globonews –, nas primeiras horas da tarde de domingo (7/10/2001) ficou um tempão com uma linda tela abstrata em verde e um clarão amarelo (e cujo significado, além da estética, escapou aos comuns mortais). Depois, entrou o pronunciamento de Osama bin Laden, que a emissora registrou com a vinheta de “Ao Vivo”. Em três idiomas (árabe, inglês e português) via-se o selo de uma instantaneidade que era fictícia. O tape fora previamente gravado. Quem estava “ao vivo” mostrando um tape gravado era a emissora do Catar, al-Jazira, retransmitida pela CNN.

No intervalo, entre as fugazes imagens de algo que não se sabia o que era, catadupas de interpretações acadêmicas rigorosamente marginais sobre o que estaria acontecendo.

A mídia eletrônica sofre das mesmas vicissitudes do nescafé: a obrigação de ser instantâneo retira-lhe sabor, aroma e autenticidade.

Mas foi com os jornais da manhã seguinte (segunda, 8/10) que confirmou-se a impressão de fragilidade da mídia impressa, sobretudo a diária, incapaz de oferecer ao leitor uma visão contextualizada dos acontecimentos. Não basta fazer um quadrinho com a cronologia dos eventos: é preciso costurar aquilo que o próprio jornal informou anteriormente montando uma história com princípio, meio e fim. Isto pressupõe um trabalho de concatenação entre diferentes matérias de diferentes dias, páginas ou editorias.

Quantidade de textos não é atributo. Encher espaços entre anúncios com o material despejados pelo computador, hoje não é vantagem. O leitor não é o editor. Ao comprar um jornal, o cidadão compra também o trabalho do editor que arrumou com alguma lógica as montanhas de informações desencontradas e aparentemente sem nexos.

Aqui cabe um reparo ao texto que Luís Nassif escreveu sobre o desempenho da imprensa brasileira desde os atentados de 11 de Setembro [*Folha*, 2/10]. Dos jornalistas do *establishment*, Nassif é o mais ousado, persistente e consistente nas críticas ao desempenho de nossa mídia. Mas a louvação só se justifica como estímulo.

Não é da obrigação deste *Observatório* fazer a pauta do que faltou pautar. Mas para o leitor médio, as toneladas de papel gastas neste último mês não conseguiram explicar alguns dos enigmas essenciais do vulcão médio-oriental.

Não é preciso remontar às cruzadas. Basta acompanhar os movimentos a partir da guerra da Criméia (1854-1856), a relativa tolerância religiosa otomana, a entrada dos ingleses promovendo a primeira emancipação árabe (lembrem de Lawrence da Arábia?), demorar-se na questão das partilhas da Palestina e do subcontinente indiano decididas pela ONU em 1947 e chegar àquele dia de maio de 1948 em que Israel foi criado e o Estado Palestino, não.

O leitor não tem tempo para ler catataus históricos? Bobagem. Nos anos 60 e 70 o Departamento de Pesquisa do *Jornal do Brasil* oferecia exatamente esse tipo de suporte. Em matérias anônimas, sem a assinatura de sumidades acadêmicas, porém bem informadas. Sobretudo bem escritas.

Esta guerra infelizmente ainda vai estender-se e desdobrar-se. Será uma guerra escondida, sem flagrantes espetaculares. Há, portanto, tempo de sobra para aprender. Caso contrário, continuaremos cobrindo o mundo com o mesmo arsenal que cobrimos a cidade e o país: com declarações.

Patriotismo e patrulhas na mídia americana

Arnaldo Dines

[10/10/2001 # <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/mo101020011.htm>]

O mínimo que se pode dizer dos escândalos ocorridos durante o governo de Bill Clinton é que serviram para manter a imprensa americana em treinamento constante na arte de criticar o chefe da nação. A prática adquirida ficou evidente após a contestada vitória de George W. Bush na eleição presidencial do ano passado e foi confirmada a partir de sua posse, quando a esfinge da nova administração republicana tornou-se o objeto maior na mira da imprensa.

Neste contexto, a imprensa foi surpreendida após a tragédia do World Trade Center com a reação negativa do público americano contra qualquer tipo de crítica ao líder do país, cujo índice de aprovação subiu rapidamente para 90%. E números altos como este tendem a se solidificar nas próximas pesquisas, com o prosseguimento da retaliação militar no Afeganistão.

O fato é que apesar da cobertura sensível e respeitosa nos primeiros dias após o ataque a Nova York e Washington, faltou intuição à imprensa para discernir a transformação na psique coletiva. Faltou-lhe a percepção de que após aquela fatídica manhã de 11 de Setembro, o jornalismo americano foi colocado por força do destino perante um novo dilema existencial: de um lado os preceitos do First Amendment (a primeira emenda à Constituição) garantindo o direito de livre expressão, e do outro, a solidariedade e responsabilidade social.

Será que a imprensa conservadora, teoricamente mais reacionária, tem maior capacidade crítica de seus excessos do que a imprensa liberal, que por princípio seria mais atenta às sensibilidades do público?

O debate jornalístico se complicou ainda mais a partir de 7 de outubro, com a introdução da equação de fatores adicionais inerentes à militarização do conflito. Como lidar, por exemplo, com o sigilo e censura militar, decorrências naturais de uma guerra? E como lidar com a propaganda terrorista, como foi o caso da transmissão pelas redes de televisão do tape pré-gravado por Osama bin Laden?

As imagens exibidas em 7 de outubro foram preparadas como um comercial desesperado da al-Qaeda, a organização terrorista liderada por bin Laden, para ser entregue à rede de TV al-Jazira, de Catar, ao sinal do primeiro bombardeio. Mas, se sob o pretexto de poupar o público americano, as redes de TV do país haviam censurado as imagens de pessoas pulando das chamas do World Trade Center para a morte na calçada e de corpos mutilados nos escombros, como justificar então a exibição em cadeia nacional de material promocional do arquiteto responsável pela chacina? Cabe realmente à mídia definir como aceitável as imagens dos líderes do fanatismo islâmico proclamando a *jihad* contra os infiéis, mas não do resultado brutal de suas ações?

Opiniões desvairadas

À parte da síndrome de prepotência, faltou também à imprensa uma maior agilidade no debate público da cobertura. Foi somente na edição de 28 de setembro que *The New York Times* deu um primeiro passo com a

publicação de um artigo sob o título de “Em tempos de patriotismo, o dissentimento é emudecido”. Logo no dia seguinte, um comentário do ombudsman do *Washington Post* abordava o tema de liberdade de expressão em tempos de guerra. Já o *San Francisco Chronicle* foi mais adiante, em 3 de outubro, com um artigo intitulado “Quando patriotismo colide com jornalismo”.

Se essas análises foram fortuitas, foram também tardias devido a uma série de incidentes prévios que expuseram o problema. O primeiro foi uma observação do âncora principal da rede ABC, Peter Jennings, feita ainda no dia do ataque ao World Trade Center. Ele disse casualmente que, em ocasiões como estas, o país espera do presidente uma mensagem de segurança, e que alguns presidentes fazem isto bem e outros, não. Jennings acabou recebendo mais de 10 mil e-mails críticos, após ter sua frase interpretada por Rush Limbaugh, um popular comentarista de rádio, como um ataque ao caráter do presidente. No final, foi Limbaugh quem pediu desculpas ao vivo aos seus ouvintes, pela sua análise precipitada.

Outro caso, também envolvendo a rede ABC, foi um comentário de Bill Maher, apresentador do programa *Politically Incorrect*, justificando a atitude dos terroristas como corajosa frente à covardia dos Estados Unidos em operações militares no passado.

Menos de uma semana depois do assassinato de milhares de nova-iorquinos, o fato de Maher – um ex-ator de segunda categoria transformado em apresentador de *talk shows* – poder disseminar suas opiniões desvairadas em cadeia nacional causou um furor que chegou a atordoar a Casa Branca. O porta-voz da presidência, Ari Fleisher, declarou que os americanos deveriam ter muito cuidado com o que falam. O resultado foi prejudicial para todos. Apesar de ter-se retratado, o programa de Maher passou a ser boicotado por anunciantes indignados (Sears e Federal Express), enquanto que Fleisher se viu obrigado a explicar que não propusera a autocensura, mas apenas uma reflexão sobre o que se deve dizer, ou não, em tempos de guerra.

Discussão livre

Diversos outros casos foram reportados em órgãos de mídia pelo país afora. Os autores de dois artigos criticando as ações iniciais do presidente Bush em 11 de Setembro, publicados nos jornais *The Texas City Sun* e *Grant Pass Daily Courier* (este do estado de Oregon), foram demitidos sem grandes cerimônias. E políticos estaduais propuseram cortar o orçamento da estação de TV da Universidade de Missouri, que proibiu o uso de bandeiras americanas pelos repórteres. Deve-se ressaltar apenas que esses incidentes ocorreram em mercados sem a menor relevância nacional – a circulação diária do *The Texas City Sun*, por exemplo, não chega a seis mil exemplares.

No âmbito da intelectualidade americana (e nos extremos do espectro político), os casos de maior repercussão foram os artigos da colunista Ann Coulter para o *National Review Online* e da escritora Susan Sontag, para a revista *The New Yorker*. A primeira publicou um texto pregando não somente a invasão dos países responsáveis pelo ataque em Nova York, assim como o assassinato de seus líderes e a conversão forçada das populações ao cristianismo. A segunda, além de criticar a onda de patriotismo demonstrada na televisão, prosseguiu em descaracterizar a chacina no World Trade Center como um ato covarde – mas, sim, como um ataque justificado contra uma potência mundial.

Se a diferença de opinião entre as duas autoras é óbvia, a reação das duas publicações perante a repercussão negativa dos artigos revela um posicionamento igualmente discrepante. Pelo radicalismo de suas opiniões, Ann Coulter foi sumariamente demitida da *National Review*, uma publicação reconhecidamente conservadora. Por outro lado, a direção da *New Yorker*, um símbolo da intelectualidade liberal do país, limitou-se a publicar umas poucas cartas de leitores criticando a ferocidade de Sontag.

A questão que se coloca, então, é de certa maneira surpreendente não somente para os Estados Unidos como para o panorama mundial. Será que a imprensa conservadora, teoricamente mais reacionária, tem maior capacidade crítica de seus excessos do que a imprensa liberal, que por princípio seria mais atenta às sensibilidades do público? Na realidade, a própria pergunta apenas encobre novamente a questão da responsabilidade jornalística *versus* o direito de livre expressão.

Uma possível resposta para o dilema é uma frase do grande jornalista e escritor americano Walter Lippmann, falecido em 1974. Segundo ele, “a teoria da imprensa livre dita que a verdade emerge através da discussão livre, e não da noção de que será apresentada perfeita e instantaneamente em um único relato”. Ironicamente, esta frase aparece justamente abaixo do cabeçalho do *Grant Pass Daily Courier*, o mesmo jornal que demitiu um de seus jornalistas por criticar o presidente.

Capítulo IV

Um certo pó branco



A mídia americana está tratando o assunto com responsabilidade. Sabe que o bioterrorismo quer atingir, por seu intermediário, a nação americana. Os jornalistas perceberam que o terrorismo quer torná-los cúmplices da aterrorização coletiva. Daí a prudência, o cuidado em não “fazer barulho”. O caso é grave demais para ser manipulado por impulsos rasteiros de jornalistas paranóicos.

Antraz coloca a mídia na linha de frente

Alberto Dines

[17/10/2001 # <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/iq171020011.htm>]

No intervalo entre a redação deste texto e a sua divulgação pela internet os dados numéricos poderão sofrer alterações. Mas os primeiras doze casos de ações bioterroristas nos EUA – com esporos de antraz ou não – comprovam que o alvo agora é a mídia. Ou o ânimo da mídia.

O depoimento da repórter Judith Miller, especialista em guerra bacteriológica, ela própria vitimada por uma das ações intimidadoras, é suficiente.

O caso ocorreu na sexta-feira [12/10/2001]. Os primeiros exames mostraram que o pó branco do envelope era inofensivo. Antraz negativo, mas a carta ameaçadora – em português – é concreta. Prova positiva de intimidação.

Mesmo que em alguns episódios (como este) o tal pó seja inofensivo, o simples fato de ter sido remetido para jornalistas ou empresas jornalísticas depois de um caso fatal no *The Sun*, da Flórida, denota a clara intenção de intimidar aqueles que neste momento ocupam uma posição crucial na guerra contra o terrorismo.

Não pode ser minimizado o fato de a vítima ser autora de um importante livro sobre guerra biológica, recém-publicado (setembro de 2001) e muito comentado na mídia depois do 11 de Setembro. Também não pode ser desprezada a informação de que Miller é uma veterana no Oriente Médio com um livro sobre o assunto (publicado em maio de 1997).

Anotem os títulos, que estão disponíveis nas livrarias virtuais:

** *Germes: biological weapons and America's Secret War*

** *God has 99 names: reporting from the militant Middle East*

Tom Brokaw, da NBC, não é um especialista, é apenas um âncora famoso. Aqui não se tratava de assustar uma *expert* mas de apavorar uma figura poderosa. Brokaw recebeu duas cartas, ambas ameaçadoras, uma delas contaminada, com a data de 11 de setembro sublinhada. Infectou a sua secretária. A carta continha ameaças aos judeus.

O jornalão nova-iorquino noticiou discretamente o episódio envolvendo a sua repórter. Mas foi obrigado a avisar os leitores de que todas as suas rotativas estão instaladas em gráficas fora de Manhattan. Seus exemplares, portanto, não podem disseminar o bacilo. Mas sempre pode aparecer alguém disposto a cancelar sua assinatura para não receber em casa, dentro do jornal, um cisco envenenado. Os terroristas não jogaram bombas na redação do mais influente jornal do mundo. Mas avisaram que podem encostá-lo à parede.

A mídia americana está tratando o assunto com responsabilidade. Sabe que o bioterrorismo quer atingir, por seu intermédio, a nação americana. Os jornalistas perceberam que o terrorismo quer torná-los cúmplices da aterrorização coletiva. Daí a prudência, o cuidado em não “fazer barulho”. O caso é grave demais para ser manipulado por impulsos rasteiros de jornalistas paranóicos.

Este mesmo senso de responsabilidade manifestou-se no próprio dia 11 de setembro quando as redes de TV, no auge da tensão, tomaram a sábia decisão de poupar os telespectadores das cenas escabrosas de gente que pulava das torres gêmeas e estatelava-se no chão.

No entanto, o filósofo José Artur Gianotti tomado pelo mesmo desvario interpretativo dos acadêmicos mais jovens, considerou este cuidado como uma forma de “maquiar” os efeitos dos atentados (caderno *Mais!*, *Folha de S.Paulo*, domingo, 7/10/2001).

Certamente aparecerão nos próximos dias jornalistas e intelectuais brasileiros cobrando dos colegas americanos mais ardor e maior ênfase na divulgação deste primeiro surto mundial de bioterrorismo. Quando o patrulhamento está solto, tudo pode acontecer. A imprensa brasileira macaqueia a imprensa americana no que tem de pior. Podia começar a imitar alguns dos seus melhores atributos.

Trapalhadas da Casa Branca e o caso Abravanel

Alberto Dines

[17/10/2001 # <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/iq171020012.htm>]

A mídia brasileira deu mais destaque aos apelos da Casa Branca para que televisões e jornais ajam com “discernimento” na divulgação de declarações de líderes terroristas do que às tentativas dos bioterroristas de intimidar a imprensa via antraz.

A *Folha* e seus colunistas-legionários saíram berrando que o apelo do governo americano equivalia à implantação da censura. [Logo a *Folha*, a mais empenhada defensora da autocensura absoluta no episódio do seqüestro da filha de Silvio Santos.](#)

As duas manifestações do governo americano às TVs e jornais são pueris, primárias e disparatadas. Revelam perigosos índices de insegurança na cúpula de uma superpotência. Mas, convenhamos, não podem ser classificadas como censura simplesmente porque a censura, para ser efetiva, deve ser aplicada secreta e silenciosamente.

Tony Blair, mais hábil, convocou a imprensa britânica para discutir a cobertura da campanha militar no Afeganistão. Reportar guerras na linha de frente continua sendo um dos problemas irresolvidos da atividade jornalística e da liberdade de informação.

O que nos leva à outra questão: o correspondente deve ter amplo acesso ao campo de batalha e plena liberdade de movimentação? Quem já cobriu alguma campanha militar sabe que isso é impossível, impraticável, ineficaz. E extremamente perigoso porque jornalista não é soldado.

Um dos elementos fundamentais em qualquer ação militar é a surpresa. Se os jornalistas são avisados previamente do que vai acontecer, acabou-se a surpresa. E se o jornalista não é soldado e está impedido de portar armas, como defender-se se o deixarem solto na linha de frente?

O leitor quer o jornalista numa cova rasa, silenciado para sempre, ou quer vê-lo e ouvi-lo sobre o que conseguiu ver?

[Guerras são situações excepcionais nas quais o homem despoja-se da sua humanidade e admite coisas horríveis. Intervalos de civilização. Isto deve ser narrado. Com detalhes – sobretudo para desestimular repetições. Mas não deve converter-se em espetáculo. Circo tem limites.](#)

Al-Jazira não é modelo de objetividade

Alberto Dines

[17/10/2001 # <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/iq171020013.htm>]

A mídia brasileira criou mais um factóide. Desta vez sobre a própria mídia. De repente, dentro do simplismo habitual, criou-se a impressão de que a emissora do Catar, al-Jazira, é padrão de bom jornalismo apenas

porque oferece um material diferente das redes americanas e tem um formidável poder de penetração no Oriente.

Pelo depoimentos e declarações, os principais executivos do canal noticioso parecem competentes e articulados. Alguns foram treinados na *Voz da América*, em Washington. Pelo material que revendem às redes noticiosas americanas e inglesas e aqui vistos, **o forte não são as reportagens, mas as entrevistas**. Como o canal só emite em árabe é impossível, para nós, avaliar a qualidade da entrevista e a objetividade do entrevistador. De qualquer forma, al-Jazira impôs-se como fonte alternativa ajudando a estabelecer um mínimo de diversidade. Mas diversidade não é tudo. Na Segunda Guerra Mundial, o poeta Ezra Pound trabalhava para a rádio alemã tentando contrabalançar a mobilização mundial contra o nazi-fascismo. E nem por isso constituía uma alternativa informativa digna de crédito.

Não devemos esquecer que o canal al-Jazira é estatal. Não é público como a BBC ou o PBS americano. E o Catar, dono absoluto do veículo, está longe de apresentar aquele mínimo de condições de liberdade e garantias para considerar-se democrático.

Informação em defesa da vida

Nelson Hoineff

[17/10/2001 # <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/iq171020015.htm>]

A vantagem do jornalismo sobre a medicina é que o erro jornalístico não mata. Mas essa primazia pode estar com os dias contados. Se o apocalipse apregoado por bin Laden se confirmar, a mídia estará tendo, por um bom espaço de tempo, poder de vida ou morte sobre a população.

De todas as formas de guerra, a bacteriológica é a mais destrutiva e a mais fácil de ser executada. Já nos anos 60, Timothy Leary mostrava como era fácil dissolver LSD nos reservatórios de água de uma base militar. Perto disso, propagar o carbúnculo pelo correio é brincadeira de criança.

Quando o cenário é de guerra bacteriológica, a mídia já não serve apenas para informar ao cidadão o que está acontecendo com os outros; sua função primária é informar ao cidadão o que está acontecendo com ele mesmo.

Algumas das formas de disseminação do *bacillus anthracis* têm sido testadas com sucesso pelos terroristas. Mandá-lo por carta, convenhamos, nem está entre as mais engenhosas. O antraz pode ser transmitido pela inalação ou pelo simples toque, o que multiplica exponencialmente as opções dos agressores.

Deter a propagação do vírus é uma questão de informação. Todo mundo começa a se preocupar com a própria capacidade de resistir a um ataque bacteriológico, inclusive no Brasil. O *Globo*, por exemplo, tratou bem a questão no domingo [14/10/2001], produzindo matéria sobre a vulnerabilidade da agricultura brasileira ao antraz. “Mesmo com vacinas disponíveis para bovinos, nenhuma agricultura está livre da bactéria”, advertia ali Silvio Valle, professor de biossegurança da Fundação Oswaldo Cruz.

Nesse contexto, é mil vezes mais importante ser informado do que levar os sintomas ao médico. Isso já basta para demonstrar o enunciado do segundo parágrafo. Quando o cenário é de guerra bacteriológica, a mídia já não serve apenas para informar ao cidadão o que está acontecendo com os outros; sua função primária é informar ao cidadão o que está acontecendo com ele mesmo.

Garantia de defesa

A mídia, então, tem que ser ágil, abrangente e segura. A agilidade na estocagem de informações passou a viver no melhor dos mundos desde a internet. Exatamente um mês depois do ataque aos EUA, o mecanismo de busca Google <www.google.com> já registrava 665.000 páginas contendo o nome bin Laden. Isto representa cerca de 62 % de tudo o que já se escreveu sobre George W. Bush (inclusive durante a campanha), que estava em 1.060.000 páginas. Bastaram três dias desde o início dos ataques bacteriológicos para que o mesmo instrumento de busca registrasse 202.000 páginas contendo o nome antraz. (A título de comparação, o nome Fernando Henrique Cardoso é mencionado 85.400 vezes, o de Pelé 295.000 e a palavra “sexo”, recordista da web, aparece em 28.500.000 páginas).

É uma evolução muito rápida das informações catalogadas sobre o personagem e a droga que mal acabaram de entrar para a história. A capacidade da internet de armazenar dados, entretanto, pouco se confunde com a de informar o cidadão sobre, digamos, um perigo iminente. Pode-se saber tudo sobre furacões em alguns segundos, mas até que ponto a internet tem a capacidade de nos informar com a rapidez necessária sobre a aproximação de uma tormenta?

Essa capacidade continua sendo da televisão e, como o 11 de Setembro mostrou, cada vez com mais intensidade. Ela repousa na sua maior parte na confiabilidade da telefonia via satélite. Essa mesma tecnologia que ironicamente fez com que a Motorola e investidores em todo o mundo perdessem mais de 600 milhões de dólares no projeto Iridium, há menos de dois anos.

A telefonia via satélite é um caso típico de tecnologia cujas aplicações somente são percebidas muito tempo depois de sua implantação. Atribui-se ao marketing desastroso o grande naufrágio da Iridium, que acreditava vender seu produto a executivos desejosos de manter nas viagens um único número de telefone. O consumidor – percebeu-se depois do desastre financeiro – não usava terno nem gravata.

A confiabilidade desse tipo de equipamento, de qualquer forma, ainda não foi suficientemente testada em condições particularmente hostis (interferência provocada nos sinais, por exemplo) – mas tudo indica que sua resistência a elas seja muito pequena.

O contrário ocorre com o terrorismo bacteriológico. Em outras palavras, é muito mais provável que se consiga interferir num sinal telefônico via satélite do que num ataque bacteriológico por algumas entre as milhões de vias disponíveis.

Não é por acaso que os primeiros alvos dessa guerra sejam meios de informação – NBC, *The New York Times*, American Media, Microsoft, etc. Há mais do que o lado simbólico aí. Na guerra bacteriológica, danificar os meios de informação é o equivalente a destruir bases militares numa guerra convencional.

Se não forem militarmente desmobilizados antes de lançarem a guerra bacteriológica em grande escala contra uma quantidade infinita de alvos pelo mundo, os atacantes terão na mídia a única força com razoável poder de neutralização. Dependerá dela informar o cidadão contra os ataques dirigidos a ele, com a agilidade, a abrangência e a segurança necessárias para garantir a sua defesa.

A importância da mídia nunca terá sido maior. Então, ela não poderá errar.

Nada de novo na frente

Luís Edgar de Andrade

[17/10/2001 # <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/iq171020016.htm>]

“Quando começa uma guerra, a primeira vítima é a verdade.” Um senador americano, Hiram Johnson, ficou famoso na Primeira Grande Guerra, ao dizer isso, em 1917, perplexo com as distorções da versão oficial. No final dos anos 60, quando o americanos estavam atolados no Vietnã, à procura de uma saída, citou-se muito o tal senador, de que nunca mais se ouviu falar.

A bem da verdade, não houve censura à imprensa, da parte dos Estados Unidos, na guerra do Vietnã. Os jornalistas credenciados tinham liberdade de ir aonde bem entendessem. Houve apenas uma campanha de

amaciamento para que eles pautassem mais os chamados “aspectos positivos”. Quem cobre qualquer governo conhece a expressão. A censura a nossos telegramas ficou a cargo das autoridades sul-vietnamitas.

Em março de 1968, depois da ofensiva do Tet, 637 correspondentes se acotovelavam nas ruas de Saigon, entre motos e bicicletas. Dez por cento deles iam, no fim da tarde, a uma entrevista coletiva conhecida como “The Five O’Clock Follies” ou “Loucuras das Cinco Horas”. Sempre foi assim. O escritor inglês Graham Greene, que cobriu a guerra da Indochina, contou como eram anunciadas as baixas naquele tempo: “Grande vitória a noroeste de Hanói. Os franceses reconquistaram duas aldeias que jamais nos disseram que haviam perdido. Grandes baixas no Vietminh. Os franceses não tiveram tempo de contar quantos homens perderam, mas seremos informados dentro de uma ou duas semanas”.

Na prática os jornalistas cobriram a guerra do Vietnam no bar do Hotel Continental, em Saigon, onde bebiam cerveja San Miguel, de olho nas vietnamitas de vestido *ao dai*, dando tratos à bola para descrever o que não viam. Dos 637 correspondentes de carteirinha, uns 50, quando muito, arriscavam a vida, de base em base, tentando chegar aos cafundós, na fronteira do Laos ou do Camboja, onde pudesse haver luta corpo a corpo.

O repórter Peter Arnett, da Associated Press, era um desses que eu via, no meio do mato, em toda parte. Lembro-me de que, certa vez, ele cobriu uma operação de caça a vietcongs, na chamada zona D da guerra, junto a uma companhia da 173ª Brigada de Pára-Quedistas. Nesse dia, 11 americanos morreram e 40 ficaram feridos. Uma carnificina. Como era proibido citar o número exato de mortos e feridos, Arnett escreveu apenas que a unidade tinha sofrido “muitas baixas”. A expressão lhe pareceu razoável, tendo em vista que metade dos homens estavam feridos. No dia seguinte, na coletiva das cinco horas, levou uma bronca do porta-voz, sob o argumento de que “a nível de batalhão” as perdas eram leves.

Quando os americanos descerem, em Cabul, para enfrentar a guerrilha talibã debaixo de neve, quero ver se autorizam a presença de jornalistas. Mal o conflito começou, as redes americanas de televisão já estão sendo pressionadas para não divulgar o que diz o inimigo. Essas pressões chegam às TVs brasileiras, via CNN, que fornece imagens à maioria delas. Está difícil separar o jornalismo da propaganda. Nada de novo na frente, como diria o romancista Erich Marie Remarque. Em tempo de guerra, mentira é como terra.

Capítulo V

Afeganistão e a cobertura da guerra



Muitos não de lembrar que nos anos da Segunda Guerra Mundial toda a imprensa aliada contribuiu para o esforço de guerra. Repórteres de grandes jornais e de emissoras de rádio vestiam uniforme militar na cobertura dos combates, bem à vontade. Então, qual a diferença? É que acabou a inocência. A última guerra “justa” terminou em 1945.

TV árabe sofre pressões dos EUA

Claudinê Gonçalves

[17/10/2001 # <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/iq171020017.htm>]

A TV al-Jazira, única a transmitir imagens do Afeganistão, está sendo pressionada pelos Estados Unidos. O assunto foi abordado diretamente com o emir do Catar quando de sua última visita a Washington, pelo presidente Bush e pelo secretário de Estado Collin Powell, antes do início dos bombardeios. As duas autoridades americanas pediram uma cobertura mais favorável.

Acusada de parcialidade e de dar voz aos islamistas, a emissora al-Jazira (A Ilha) passou a ser conhecida em todo o mundo ao divulgar as primeiras imagens dos ataques ao Afeganistão e as declarações de Osama bin Laden. Depois dos atentados de 11 de Setembro, a TV catariana já havia reprisado uma entrevista com bin Laden, gravada dois anos antes.

O diretor da al-Jazira, xeque Hamad Ben Thamer Al Thani, declarou ao correspondente de Swissinfo em Doha que está acostumado a pressões. “Já fomos acusados de pró-israelenses, pró-americanos, pró-palestinos e agora de pró-talibã”, disse. “Não mudaremos nossa estratégia de cobertura e os telespectadores são nosso único júri.”

O diretor da emissora afirmou ainda ao nosso correspondente que tem mais de 200 queixas de países árabes em sua gaveta, que já causaram inclusive incidentes diplomáticos.

Os regimes árabes temem que tom livre e audacioso da al-Jazira possa ser contagioso e o ministro das Relações Exteriores do Catar, xeque Hamed Ben Jassim al Thani, reconheceu que parte do trabalho diplomático consiste em consertar os “estragos” causados pela emissora.

Primeiro canal de televisão de informação contínua em árabe, a al-Jazira foi criada pelo emir do Catar, Hamad Bin Jalifa al Thani, em 1996, menos de um ano depois de ter deposto seu pai e assumido o poder no pequeno emirado do Golfo Pérsico. A equipe de base era de jornalistas da BBC de Londres, depois que o canal árabe da emissora britânica foi fechado.

A al-Jazira tem hoje alguma reputação no mundo árabe devido à sua independência e diversidade de opiniões, e por dar espaço também para a oposição aos regimes árabes – algo novo na região. Como o canal é via satélite, os interlocutores sabem que não poderão ser censurados nos países em que estão.

“Acusam-nos de favorecer o ponto de vista de bin Laden, mas isso não é verdade”, diz o diretor da al-Jazira. “Ele não é considerado inimigo público número 1? Então demos a palavra a ele.”

A TV do Catar tem uma equipe permanente no Afeganistão há mais de dois anos, e também mantém escritórios em Washington, Londres, Paris, Moscou, Teerã e em quase todos os países árabes.

Resta saber se a vontade de abertura manifestada através da al-Jazira será mantida diante das novas pressões e do prosseguimento das reformas políticas no Catar. O país é independente desde 1971 e a próxima etapa será eleição do primeiro Parlamento, dentro de dois anos.

A mídia como braço do governo

Marinilda Carvalho

[17/10/2001 # <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/iq171020018.htm>]

Este título vem de uma frase de John R. MacArthur, *publisher* da *Harper's* e autor do livro *Second front: Censorship and propaganda in the Gulf War* (Hill & Wang, 1992). Disse ele, em matéria citada aqui no *Observatório*: “A mídia age como braço

do governo, oposta à informação independente e objetiva, como deveria ser”. Parte significativa da imprensa americana pôs bandeirinha na lapela e

É triste constatar que a mais avançada imprensa do mundo é também a mais manipulável pelo governo.

incentivou a investida dos Estados Unidos na Ásia Menor. A mídia afegã deve fazer o que para mostrar seu apoio ao governo talibã? Pegar em armas? E a imprensa nazista? Caçava e executava leitores judeus?

Na quarta-feira [10/10/2001], a Casa Branca pediu bom senso à imprensa para divulgar as mensagens da organização terrorista al-Qaeda e de seu líder, Osama bin Laden, que poderiam estar enviando mensagens codificadas a seus cúmplices mundo afora. Na quinta, foi a vez dos jornais. Se não fosse trágico, seria cômico. Desde quando Laden precisou da mídia ocidental para montar suas operações? A Casa Branca está fazendo clara contrapropaganda de guerra. Deve ser insuportável ver a face do pior inimigo em todas as telas de TV e capas de jornal. O resultado, todos conhecem: cadeias de TV prometem obedecer, zelosas; jornais mais ou menos protestam.

As mesmas redes, e também a mídia impressa, repetem sem contestação informações claramente de propaganda do Pentágono. Uma delas: os líderes talibãs estão mortos, o governo, prestes a cair. Nenhum

repórter pergunta: quem então mantinha sob custódia o jornalista francês Michel Peyrard, preso como espião por ter entrado no Afeganistão sob os panos de uma burca? A quem estava se dirigindo o presidente Jacques Chirac para pedir sua libertação? Outra: todas as baterias antiaéreas do Afeganistão foram destruídas, papagueavam as redes, repetindo o Pentágono. Mas as imagens da TV al-Jazira mostravam fogo antiaéreo nos céus de Cabul! Na quinta-feira passada, a CNN – e seu papagaio Globo News – entregava os pontos: o secretário de Defesa Donald Rumsfeld reconhecia que de fato sobrara alguma artilharia antiaérea talibã.

O engraçado é que quando o Talibã informa que uma mesquita foi arrasada pelos mísseis americanos, matando 15 fiéis, os repórteres acrescentam: os aliados não confirmam a informação. Mas, quando o Pentágono solta suas bombas propagandísticas, ninguém ressalva que “a informação não foi confirmada pelo Talibã”. Sob qualquer manual de ética, isso é torcida.

Nem é preciso citar Hobsbawm para afirmar que mídia é arma, e não é de hoje, mas vá lá. Disse ele, em *Era dos extremos*, que o rádio fora transformado em ferramenta poderosa de informação de massa, “como governantes e vendedores logo perceberam, para propaganda política e publicidade”. Ele lembra que no início da década de 1930 o presidente dos EUA já descobrira o potencial da “conversa ao pé da lareira” pelo rádio. “Na Segunda Guerra Mundial, com sua interminável demanda de notícias, o rádio alcançou a maioria como instrumento político e meio de informação.”

Se a prática da manipulação da mídia pelos governos é tão sabida, como pode a imprensa mais preparada do mundo, a americana, entregar-se tão abertamente à Casa Branca e a seus propósitos? Pudemos perceber a progressiva entrada da CNN na torcida pela retaliação já na quarta-feira, dia 12, quando a apresentadora Judy Woodroof, da sucursal de Washington, começou a exigir resposta militar imediata do governo, em meio a orações a Deus pelas almas dos mortos e acessos de sentimentalismo. A combinação não surpreende – Jung dizia que o sentimentalismo é uma superestrutura que encobre a brutalidade –, apenas irrita o telespectador. Com o passar dos dias, as patriotadas só se avolumaram.

Se a imprensa apóia governo numa causa que à maioria parece justa poderá apoiar também na injusta. Imprensa tem que apoiar leitor, com informação segura, isenta e confiável para que ele forme sua opinião e não entre em histerias coletivas. A mídia levou a população americana a um patamar tal de intolerância que telespectadores e leitores exigem cabeças de discordantes. Ruth Flower, diretora de políticas públicas da Associação Americana de Professores Universitários, está preocupada, como contou matéria publicada aqui no *Observatório*. “Há um forte consenso no país, como não se via há tempos, mas um consenso que não permite discordâncias, que interfere na liberdade acadêmica e não é nada saudável.”

Patacoada levada a sério

A emoção de um repórter diante da tragédia é natural. Antinatural é fazer desta emoção um show, e direcionar a emoção da audiência para o ódio e a retaliação.

Muitos não de lembrar que nos anos da Segunda Guerra Mundial toda a imprensa aliada contribuiu para o esforço de guerra. Repórteres de grandes jornais vestiam uniforme militar na cobertura dos combates, bem à vontade. Então, qual a diferença? É que acabou a inocência. A última guerra “justa” terminou em 1945. Isso pode soar até como heresia para os mais objetivos, dados os interesses econômicos então em jogo, mas esta é outra prateleira da biblioteca; derrotar o nazi-fascismo foi, é e sempre será uma causa justa. Mas quando os soviéticos bombardeavam a terra crestada do Afeganistão nos anos 80 a imprensa americana seguiu seu governo e protestou. Agora é justo? Aqui não há justiça a discutir: é patriotada mesmo, e o preço é a eliminação da consciência. Indiscutível é o papel da imprensa nesse processo. Ao considerar o mundo exterior irrelevante, com respeitadas exceções, a autocentrada mídia americana ajudou a moldar a alienação do público, agora dolorosamente perplexo com o ódio que desperta planeta afora.

É triste constatar que a mais avançada imprensa do mundo é também a mais manipulável pelo governo. Aqui no Brasil, causa tristeza ver uma imprensa acrílica, que reproduz acriticamente o patético pronunciamento do presidente Fernando Henrique Cardoso na segunda-feira, 8 de outubro, em cadeia nacional. Como pôde a mídia levar aquela patacoada a sério?

Disse Millôr Fernandes: “Imprensa é oposição, o resto é armazém de secos e molhados”. Se não foi bem assim, o sentido é este. Em qualquer continente, é isso que uma mídia séria – ou melhor, a mídia *tout court* – deve ser. Sem infantilismo, sem denunciismo, mas de oposição.

Mídia na guerra da informação

Leneide Duarte-Plon

[14/11/2001 # <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/iq141120011.htm>]

Ouvir os dois lados. Esta é uma das regras básicas do jornalismo, ensinada pelos profissionais mais experientes aos jovens focas, tanto nos manuais quanto nas redações dos grandes órgãos de imprensa. Mas, em época de guerra, a propaganda costuma vir acoplada à notícia. Nesse caso é difícil para o leitor ou telespectador, e até mesmo para os jornalistas, distinguir informação de propaganda.

Fundada em 1996 pelo emir Hamad ben Khalifa al-Thani no menos populoso país árabe (560 mil habitantes, um pequeno território que não passa de apêndice da Arábia Saudita), a rede de TV do Catar al-Jazira pretende fazer um jornalismo “leigo, moderno e panarábico”. Mas, apesar de ser a televisão mais ocidentalizada do mundo árabe e de buscar “ouvir os dois lados”, a rede – que pretende ser a CNN do mundo árabe – costuma ser acusada de partidária. Ao difundir duas entrevistas com Osama bin Laden, a primeira no início de outubro e a segunda em 3 de novembro, al-Jazira passou a ser vista com desconfiança nos Estados

Apesar de acusada pelos americanos como uma mídia de propaganda, al-Jazira também pode ser acusada de fazer o jogo do Ocidente. Foi o que aconteceu quando a rede transmitiu com cortes a entrevista de bin Laden, em 3/11/2001.

Unidos e na Europa. O escritor e filósofo francês Bernard-Henri Lévy chamou-a de “rede de bin Laden”, em seu artigo semanal na revista *Le Point*, logo depois da primeira transmissão de uma entrevista exclusiva com o líder saudita, que convocou o Islã à guerra santa contra os infiéis.

Mas engana-se quem pensa que a rede é uma unanimidade no mundo árabe. Apesar de mostrar simpatia pela causa palestina, a al-Jazira também exhibe entrevistas com Shimon Peres e com os pacifistas da esquerda israelense. Os países árabes, sobretudo a Arábia Saudita, fazem pressão sobre publicitários para boicotarem a rede. E o governo saudita foi mais longe: proibiu-a no país, porque a emissora transmite entrevistas exclusivas com os opositores do regime. Ao tentar fazer um jornalismo isento durante a guerra, o que a rede al-Jazira conseguiu até agora foi desagradar tanto aos americanos e a intelectuais como Bernard-Henri Lévy quanto a países do mundo árabe.

“Critérios profissionais”

A polêmica não impede a al-Jazira de crescer. Ao contrário: foi graças à suas entrevistas exclusivas com bin Laden e às reportagens do correspondente em Kabul, Teyssir Allouni, que a cadeia do Catar ganhou projeção. Seu estatuto prevê que ela deve ser autônoma financeiramente a partir deste ano, graças à publicidade. É provável que não consiga atingir essa meta.

Criada pelo emir para sustentar seu governo, que resultou de um golpe de Estado contra seu pai, a “CNN do Catar” quer exibir uma imagem de “independência, modernidade e liberalismo ponderado” do regime. E apesar de criticarem a divulgação dos dois vídeos de bin Laden, os Estados Unidos não se opõem ao governo do

Catar. Ao contrário. Washington não somente apoiou o golpe como tem uma estreita relação com o emir Al-Thani, pois é no Catar que os Estados Unidos estocam a maior parte de material militar fora de seu território.

Por intermédio de sua mídia mais importante, o Catar quer aparecer como uma ilha de independência e moderação – aliás, al-Jazira quer dizer “a ilha”, em árabe. Essa moderação é defendida pelo chefe do escritório em Londres, Sami Haddad, que diz: “Todo mundo tem direito à palavra: tese e antítese, cabendo ao telespectador fazer sua síntese”.

Apesar de ser acusada pelos americanos como uma mídia de propaganda, al-Jazira também pode ser acusada de fazer o jogo do Ocidente. Foi o que aconteceu quando a rede transmitiu com cortes a entrevista de bin Laden, no sábado, dia 3 de novembro. Depois da polêmica difusão da primeira entrevista de outubro, na qual os Estados Unidos suspeitaram que podia haver mensagens codificadas em gestos ou frases para os aliados de bin Laden de fora do Afeganistão, al-Jazira foi acusada de fazer censura ao cortar trechos da entrevista de 3 de novembro. Apesar de se vangloriar de sua linha editorial independente, a rede do Catar não soube explicar por que demorou três dias para levar ao ar a fita com novas ameaças de bin Laden. Observadores explicam: foi o tempo necessário para a fita ser vista pelos americanos e pelos ingleses, que fizeram a análise do seu conteúdo.

E o que teria sido cortado da entrevista de bin Laden? O jornal *Le Monde* levanta a hipótese de que o líder da organização terrorista al-Qaeda possa ter sido “editado” nos trechos em que fazia ameaças personalizadas contra alguns chefes de Estado ou ameaças diretas contra os Estados Unidos. Mas segundo o diretor da rede Mohammed Jassem Ali, os cortes foram feitos com “critérios profissionais” para suprimir repetições de bin Laden. Como o tempo para a edição foi de três dias, a hipótese de que a fita tenha sido mostrada a americanos e ingleses é bastante plausível.

E ninguém pode acusar Al-Jazira de não ter ouvido “os dois lados”.

Furo comprovado

Uma semana depois de sua entrevista censurada (ou “editada”) à televisão do Catar, bin Laden deu uma entrevista exclusiva ao jornal *Ausaf*, de Islamabad, publicada também no jornal paquistanês de língua inglesa *The Dawn* [sábado, 10/11]. Na entrevista, bin Laden anuncia que “se os Estados Unidos utilizarem armas químicas ou nucleares contra nós, poderíamos revidar com armas químicas e nucleares”. Ao ser perguntado pelo jornalista Hamid Mir – que está concluindo a biografia do líder da Al-Qaeda – onde ele conseguiu tais armas, bin Laden apenas respondeu : “Passemos à próxima pergunta”.

Não há dúvida da autenticidade da entrevista. Junto com o texto, foram publicadas duas fotos do jornalista com Laden, com a data de 8 de novembro.

M'hammed Krichene: "Queremos ser como vocês"

Claudinê Gonçalves

[14/11/2001 # <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/iq141120012.htm>]

O tunisiano M'hammed Krichene, 42 anos, já ganhou prêmios de jornalismo pela cobertura da OLP em Tunis, foi correspondente de jornais e rádios ocidentais e trabalhou na BBC de Londres. O fechamento da emissora de TV em árabe da BBC coincidiu com a mudança de regime no Catar, quando o atual Emir derrubou o pai e assumiu o poder. Formado no ocidente e interessado em dar um nova imagem ao minúsculo país, o Emir criou a al-Jazira, em 1996. Para operá-la, contratou a equipe do escritório da BBC que fora fechado, entre outras razões, por pressão da Árabia Saudita.

"Sabemos que temos público em todos os países árabes mas não temos instrumentos para medir nossa audiência. É prova de nossa inexperiência."

Krichene, um dos apresentadores da al-Jazira, esteve na Suíça para debates com jornalistas, a convite da Swissinfo. A seguir, sua entrevista.

Como a al-Jazira é a única a trabalhar no Afeganistão?

M'hammed Krichene – Por pura coincidência. No mesmo dia, o regime talibã autorizou duas TVs estrangeiras a trabalhar no Afeganistão – a CNN e nós. Como não acontecia nada por lá, a CNN fechou a sucursal, por razões de rentabilidade, e nós decidimos ficar mais um pouco. Também íamos fechar mas aí ocorreram os atentados do 11 de Setembro e tudo o que vem ocorrendo depois.

Vocês são acusados de pró-talibã e pró-bin Laden....

M'h.K. – Não somos nem um coisa nem outra. Claro que nossos correspondentes em Cabul e Kandahar têm boas relações no Afeganistão – do contrário não poderiam trabalhar ali, como em qualquer outro lugar, aliás.

Quanto a bin Laden, ele tem sua própria equipe de TV e as fitas chegam prontas ao nosso escritório de Cabul, entregues por um emissário. De lá são transmitidas por nosso canal de satélite, disponível 24 horas. Não conhecemos e nunca vimos bin Laden. Ele nos manda as gravações porque quer atingir o mundo árabe e nós as exibimos porque temos um furo na mão. Qualquer outra TV faria o mesmo. Nós trabalhamos como vocês!

Quem compra imagens da al-Jazira?

M'h.K. – As de bin Laden todo mundo quer. As imagens, também exclusivas e autênticas, das vítimas e dos estragos causados pelos bombardeios americanos, pouca gente quer. Quando usadas, são colocadas em dúvida. Isso nos decepciona, mas compreendemos que as imagens de vítimas civis não interessem às TVs ocidentais.

Vocês são muito pressionados?

M'h.K. – Sempre fomos mas agora são pressões novas, dos países ocidentais, principalmente dos Estados Unidos. Acho que o problema agora é que, pela primeira vez em muitos anos, os americanos fazem uma guerra em que não controlam totalmente a mídia.

Como eram as pressões antes dos atentados?

M'h.K. – Da maioria dos países árabes, onde a mídia, com raras exceções, bajula os donos do poder, qualquer poder. Desde o início demos espaço e palavra às oposições egípcia, síria, saudita e iraquiana. Para muita gente é tão insuportável ver autoridades israelenses no ar quanto bin Laden. Também tratamos temas tabus no mundo árabe, como poligamia, relações sexuais fora do casamento e o tráfico de pessoal doméstico, inclusive para as corridas de camelo no próprio Catar. Tudo isso é novo na nossa região.

Como é a redação da al-Jazira?

M'h.K. – Somos 60 jornalistas na redação, com correspondentes na maioria dos países árabes, em Jerusalém e em várias capitais ocidentais. Na redação somos de várias nacionalidades e confissões (laicos, católicos, muçulmanos xiitas, sunitas e islamistas). Nem sempre é fácil, mas o profissionalismo prevalece sobre as opiniões pessoais.

Vocês tem cometido muitos erros?

M'h.K. – Claro que sim. Temos quatro grandes edições por dia e um resumo de meia em meia hora, dia e noite. Somos uma pequena redação para tudo isso e alguns erros são inevitáveis. Por exemplo, quando

divulgamos a primeira fita de bin Laden [7 de outubro, no início dos bombardeios] não tínhamos nenhum convidado no estúdio. Na segunda fita [3 de novembro], foi melhor, com reações de convidados americanos e árabes, ao vivo, no estúdio.

Quem financia a al-Jazira?

M'h.K. – Temos um orçamento de 35 milhões de dólares por ano, garantidos pelo Emir do Catar desde a fundação da emissora, em 1976. Não é meu setor, mas atualmente cerca de 50% dos recursos provêm da publicidade. O prazo para auto-suficiência era 1º de novembro mas acho que o Emir terá de continuar bancando a emissora. O essencial da publicidade no mundo árabe é controlada pelos sauditas e eles estão boicotando a al-Jazira.

Como vocês estão sendo tratados nos Estados Unidos?

M'h.K. – Acho que a al-Jazira era vista como um instrumento de democratização dos países árabes. Depois dos atentados, paradoxalmente e apesar das pressões, crescemos em importância. Nenhum outro órgão árabe de informação obtém tantas entrevistas atualmente nos Estados Unidos como nós. Também transmitimos ao vivo todas as coletivas da Casa Branca e do Pentágono e estamos aguardando uma entrevista exclusiva com o presidente George W. Bush.

Incomoda ser tratada de CNN árabe?

M'h.K. – De maneira alguma. Isso nos orgulha e temos inclusive um contrato de cooperação com a CNN. Utilizamos as imagens deles do norte do Afeganistão, onde não somos autorizados a trabalhar depois do atentado-suicida que causou a morte do comandante Massoud [9 de setembro] cometido por árabes disfarçados de jornalistas. Nossa colaboração com a CNN também prevê estágios de formação de jornalistas.

Qual a audiência da al-Jazira?

M'h.K. – Sabemos que temos público em todos os países árabes mas não temos instrumentos para medir nossa audiência. É prova de nossa inexperiência. Por enquanto, estamos aprendendo a liberdade de expressão.

BBC tira “terrorismo” do vocabulário

Luiz Weis

[05/12/2001 # <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/iq051220012.htm>]

O Serviço Mundial da BBC de Londres aboliu a palavra “terrorismo” do noticiário sobre o 11 de Setembro. “Ataques”, “atentados” ou similares são os termos que os seus jornalistas devem utilizar quando se referirem à destruição do World Trade Center e de uma ala do Pentágono.

Atribui-se a Sartre a frase de que um romance não se escreve com idéias, mas com palavras. Pela mesma lógica, também uma reportagem não se escreve com fatos, e sim com palavras.

A explicação para o veto, apresentada em um recente seminário em Barcelona, é que a reputação de imparcialidade das transmissões para o exterior da rede pública britânica de rádio e TV poderia ficar em xeque se as matérias sobre o acontecimento contivessem o que um diretor do serviço chamou “expressões subjetivas”.

A sua premissa é um fato objetivo: com certeza, uma parcela dos ouvintes e espectadores estrangeiros da BBC não acha que os vôos suicidas contra alvos em Nova York e Washington tenham sido manifestações de terror, mas atos legítimos de uma guerra justa – ou santa – contra os Estados Unidos.

Além disso, o que uns consideram organizações terroristas são, para outros, movimentos de libertação nacional. É o caso do IRA, na Irlanda, do Hamas e da Jihad Islâmica, na Palestina, e do ETA, na Espanha, para mencionar apenas os grupos mais citados no noticiário.

Mas a BBC está errada. Primeiro, porque fazer jornalismo é contar a verdade – o que inclui chamar as coisas pelos nomes e excluir a busca de fórmulas para agradar (ou para não desagradar) audiências. Não é dourando pílulas ou fugindo a controvérsias que um órgão de imprensa promove a sua credibilidade.

Um órgão de imprensa merece crédito quando as suas matérias deixam claro o esforço de apurar, da maneira mais exata e completa, com o mínimo humanamente possível de facciosismo, todos os aspectos relevantes de todos os fatos relevantes que formam aquilo que se chama notícia.

Isso abrange, por definição, dar vez e voz a todos os seus protagonistas, proporcionalmente à sua importância percebida no acontecimento. Jornalismo honesto, porém, não é sinônimo de jornalismo indiferente aos valores humanistas. O essencial é não escamotear coisa alguma do público.

Muito menos, em nome da imparcialidade, justifica-se encarar com equivalência moral agressores e agredidos, em conflitos cujas manifestações não deixam dúvidas sobre quem é quem. A mesma BBC, quando cobre a repressão israelense à intifada nos territórios palestinos, por exemplo, faz o serviço direito: mostra os fatos e toma claramente o partido das vítimas.

É elementar que uma notícia deva ser redigida com o máximo de substantivos e verbos, e com o mínimo de adjetivos e advérbios. Redundâncias também devem ser evitadas. “Ataques”, quando já se sabe de que ataques se está falando, dispensam acompanhamentos adjetivos, como “terroristas”.

Mas, quando a boa informação requer que o substantivo seja qualificado, fugir disso é covardia. Ou hipocrisia: para o público interno, a BBC pode falar em terrorismo; para o público externo, dobra a língua na esperança – tola – de ser julgada isenta por quem acha Osama bin Laden um herói.

Sim, mas...

Hugh Latimer, reformador religioso inglês do século 16, recusou um bispado para poder pregar “sem medo nem favor”. A expressão, que ele parece ter sido o primeiro a usar, acabou se tornando sinônimo de jornalismo independente. Agora, por medo, a BBC faz um favor despropositado para um setor de sua audiência.

Pois, de duas, uma: o que se passou nos Estados Unidos a 11 de Setembro ou foi terrorismo, ou não foi. Se foi – e a decisão editorial sobre isso é intransferível ao público leitor ou ouvinte –, a organização jornalística, por ética profissional, tem o dever de ser coerente com o seu próprio julgamento, em vez de omitir-se.

Já se disse e se repetiu “n” vezes que o terrorista de hoje pode ser o estadista de amanhã – Menahem Begin, Jomo Kenyatta, Nelson Mandela, Gerry Adams, entre muitos outros, não deixam ninguém mentir. Nem por isso, quando pratica atos de violência contra populações civis, terrorista ele deixa de ser.

O que a imprensa pode pôr em foco é a legitimidade desses atos – quando, para falar de novo do Oriente Médio, os civis visados se instalaram, como colonos, em território alheio tomado pela força. Faz tempo, aliás, que o direito de conquista foi abolido.

Assim, o noticiário não estará deturpando a realidade se registrar que o palestino que atira contra um colono judeu na Cisjordânia combate um invasor. Mas se esse mesmo palestino deve ser mostrado como um criminoso se detonar um carro-bomba em Israel. O seu suicídio nada muda.

Assim como, queira ou não a BBC, são criminosos os etarras que, a pretexto da independência do País Basco, matam indistintamente conterrâneos e outros espanhóis. São, aliás, duas vezes criminosos: porque na Espanha pós-franquista a autonomia regional é um fato; e porque os bascos não querem deixar de ser espanhóis.

No caso do World Trade Center, até o pessoal do “sim, mas” – “foi um horrível ato terrorista, mas os EUA colheram o que plantaram” – deve achar que a BBC peca por excesso de zelo, ao contrário das redes americanas que sempre pecaram por falta (de dar o devido espaço aos críticos das ações de Washington).

Atribui-se a Sartre a frase de que um romance não se escreve com idéias, mas com palavras. Pela mesma lógica, também uma reportagem não se escreve com fatos, e sim com palavras. Na ficção e na realidade, elas têm o poder de provocar em quem as lê ou ouve reações que se descolam da própria força das coisas às quais se referem.

Por isso mesmo, quando são indispensáveis para dar sentido aos fatos, certas palavras não devem ser postas para fora de uma notícia (nem, em caso contrário, enfiadas dentro dela), em nome de um politicamente correto que faz mau uso da expressão “objetividade jornalística”.

O poder de sedução de Mr. Murdoch

Arnaldo Dines

[12/12/2001 # <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/mo121220011.htm>]

A final do campeonato mundial de luta livre da informação já começou. No canto direito do ringue, vestindo as cores da bandeira americana, os críticos colocam o atual campeão mundial peso-pesado, o império televisivo

da CNN. No canto esquerdo, vestindo o turbante da guerrilha jornalística árabe, aparece o novo pretendente peso-mosca ao título, a rede al-Jazira, do Catar.

O problema com este cenário é que, além de fictício, é também ultrapassado. Por um lado, a al-Jazira se revelou totalmente parcial à causa árabe em primeiro lugar e ao movimento Islâmico em um distante segundo, haja visto seu apoio tácito ao Talibã e aos terroristas árabes da al-Qaeda em detrimento da população do Afeganistão. Por outro lado, a outrora todo-poderosa CNN vem perdendo gradualmente sua importância como formadora de opinião pública nos

Estados Unidos frente aos avanços da Fox News, a rede de notícias que faz parte do estábulo de mídia do magnata australiano Rupert Murdoch.

A Fox News criou um elo emocional com as forças armadas, evidenciado na cobertura da chegada aos Estados Unidos dos corpos dos dois primeiros soldados mortos em combate no Afeganistão.

A realidade é que em meio a uma guerra contra um inimigo invisível, com o país

traumatizado pela chacina terrorista de 11 de Setembro e constantemente sob ameaça de novos ataques, o telespectador americano cansou-se do mantra do balanço editorial torto da CNN, optando por veículos que expressem, sem cerimônias, pontos de vista compatíveis com a atual psique do país. E seja por convicção ideológica ou por motivação comercial, a Fox News funciona perfeitamente como instrumento canalizador desta tendência.

Distribuída por cabo e satélite nos Estados Unidos, a rede atingiu em novembro uma audiência média de 623 mil residências, com piques de 1,5 milhão no horário nobre, representando um aumento de 47% sobre o ano passado. Como comparação, a CNN ainda lidera, com 782 mil, mas com um crescimento de apenas 3%, sendo que perde de cadeira no horário nobre, com 1,3 milhão. Já a MSNBC, parceria da Microsoft com a NBC, não consegue passar de um distante terceiro lugar entre as redes de notícias, mesmo com o apoio maciço de Bill Gates e Cia. O detalhe é que a Fox News é distribuída em 10 milhões de residências a menos do que a CNN, favorecida pelos vastos sistemas de cabo da sua entidade materna, a AOL Time Warner.

Complacência internacional

O fato é que com a alma da nação unida agora em torno de um ideal único, a guerra contra o terrorismo, era inevitável que a Fox News alcançasse a posição de solista principal em um coro popular contra o pragmatismo liberal da maior parte da imprensa. Um exemplo foi a cobertura, no primeiro fim de semana de dezembro, dos atentados cometidos por terroristas palestinos em Jerusalém e Haifa. O principal convidado da rede foi o ex-primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, cujos comentários logo após as primeiras

explosões em Jerusalém, tiveram repercussão muito positiva, inclusive nas esferas governamentais. Ele foi posteriormente chamado para entrevistas tanto na CNN como na MSNBC.

A diferença é que a CNN abriu imediatamente seus microfones para um desfile de líderes palestinos com seus habituais argumentos para racionalizar as motivações dos terroristas. Seria o equivalente – mantidas as devidas proporções – a convidar os líderes do Talibã para debater os ataques ao World Trade Center e ao Pentágono, ainda na própria manhã de 11 de Setembro. É justamente esta falta de sensibilidade, a pretexto de imparcialidade jornalística, que leva o público a se refugiar no ponto de vista teoricamente menos objetivo, mas por outro lado mais humano, da Fox News.

No aspecto comercial, a CNN errou também ao tentar conciliar os interesses da sua audiência nacional com seus planos de expansão no mercado internacional, onde compete principalmente com a BBC. A solução encontrada foi justamente um balanço editorial subjetivo: enquanto condena o terrorismo antiamericano, mostra-se mais complacente quando o alvo recai em outras partes do mundo. A falha adicional da CNN, e da qual a Fox News se aproveitou, foi de não perceber a solidariedade do público americano com vítimas do terrorismo, independentemente de suas nacionalidades.

Bobos eles não são

Outro fator diferencial entre as duas redes é a deferência da Fox News ao segmento militar americano, antes mesmo dos eventos de 11 de Setembro. Um dos programas de maior sucesso da rede é *War Stories* (Histórias de Guerra), apresentado pelo *ex-marine* Oliver North, notório pelo seu envolvimento no escândalo Irã-contras durante a presidência de Ronald Reagan. A proposta do programa é simples, contar histórias de heroísmo em tempos de guerra. Como resultado, criou-se um elo emocional com as forças armadas, evidenciado na cobertura da chegada aos Estados Unidos dos corpos dos dois primeiros soldados mortos em combate no Afeganistão. A Fox News manteve no ar as imagens do cerimonial militar sem nenhuma narração de seus âncoras, em demonstração de respeito à solenidade do momento. Já na CNN, as mesmas imagens foram convertidas em pano de fundo para a tagarelice incessante de seus repórteres. No final, o silêncio da Fox News informou muito mais do que o barulho da competidora.

Mas é perante a grande audiência do horário nobre que o contraste entre as duas redes fica mais nítido, em função do comportamento de seus principais entrevistadores. Na *Fox News*, Bill O'Reilly é um dos jornalistas mais combativos da imprensa americana. Em programa recente, ele interrompeu o representante da OLP nos

Estados Unidos, Hasan Abdul Rahman, no meio de mais um discurso desassociando Yasser Arafat da organização terrorista Hamas, para perguntar se o entrevistado achava que o público americano é idiota. Incrédulo, o representante palestino acabou por responder que não. Já na CNN, a grande virtude de Larry King é sua capacidade de recitar sem tropeços perguntas cuidadosamente elaboradas pela produção do programa para não antagonizar o entrevistado.

E como bobo o público americano não é, o programa de O'Reilly consegue uma audiência de 1,55 milhão de residências, dando uma boa rasteira na perna bamba de Larry King, que não passa de 1,32 milhão. A realidade é que, se a Fox News continuar neste ritmo, a CNN corre forte risco de ter jogar a toalha no meio do ringue e abdicar do título de campeã mundial no vale-tudo da informação.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)